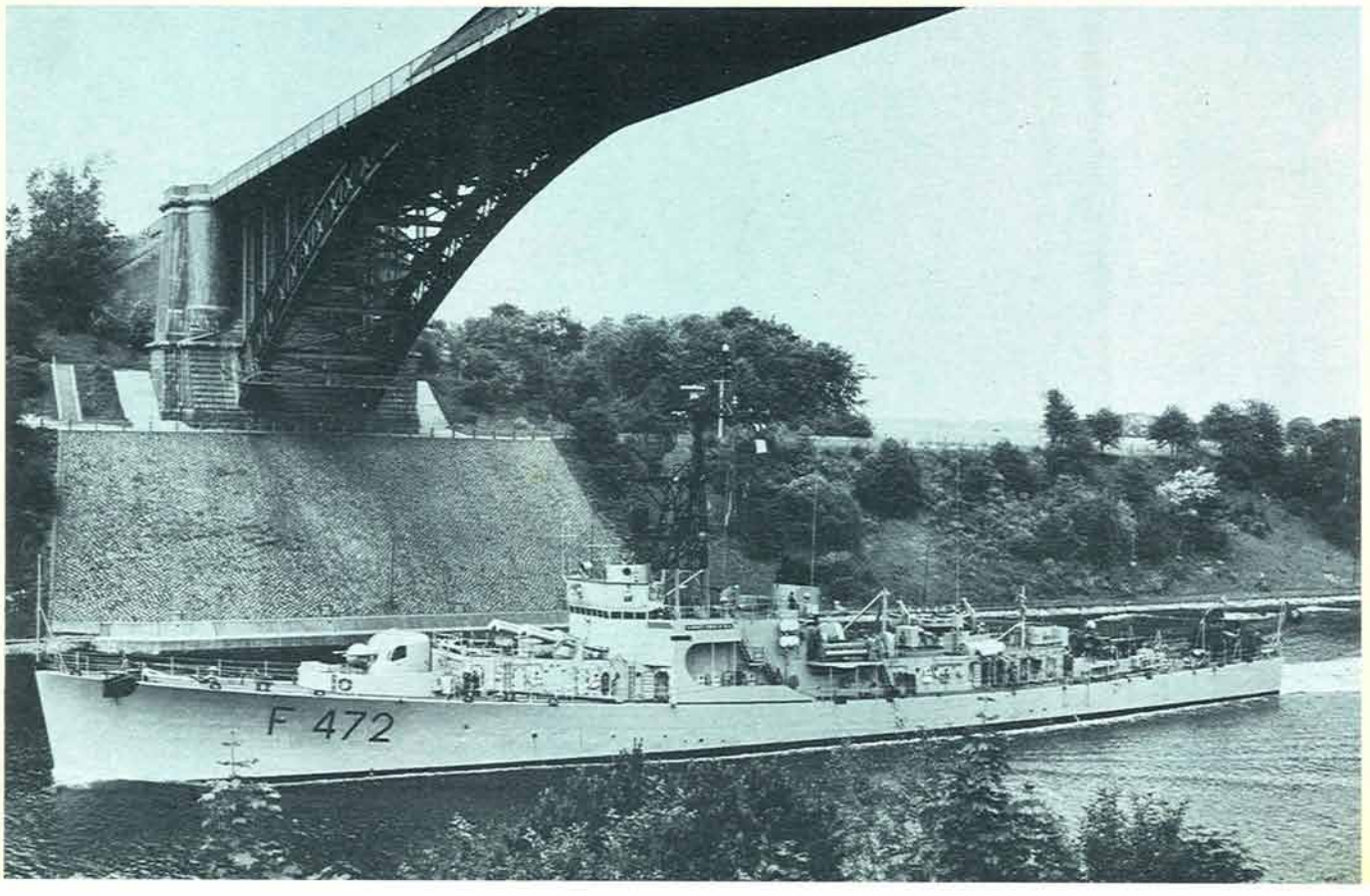
N.º 2 / SETEMBRO 1971 / ANO I

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
	Nota de Abertura	3
Capt. Zuzara	**Amália a Bordo**	4
	Efemérides Navais Relativas ao Mês de Setembro	6
	A Pátria honrai	7
S. Augusto	**O Meu Amigo Mouraria**	8
	Ciências Artes e Letras	
O. Lemos	*Quem foi Soares dos Reis*	10
	Bibliografia	12
	Ultramar	
S. Machado	*Portos do Ultramar*	13
	Notícias Pessoais	16
	Saibam Todos	17
M. do Vale	**Pois Pois, na medida em que...**	18
	Reportagem	19
	Voz da Abita	24
	Quarto de folga	25
	No Mundo Aconteceu	30
	Um Candidato a Oficial da Marinha Não tem de passar obrigatòriamente Pela Escola Naval	32

A fragata «Alm. Pereira da Silva» no Canal de Kiel



REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 2 / Setembro de 1971 / ANO I

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa:

Portugueses de hoje em navi de outrora no Brasil de Se re *de S. Machado*

Execussão gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

SER MARINHEIRO

Diz a grande Hermínia num dos seus fados mais castiços que «ser marinheiro, é ser nobre, é ser valente»...

Não vou aqui examinar o problema sob esse aspecto, até porque não ficaria bem à nossa tradicional modéstia. Vou encará-lo sim, no sentido geral e mais humano do que sentem todos quantos servem ou serviram a ARMADA e são realmente marinheiros.

Há dias tive uma longa conversa com um camarada que já está na reserva a qual me inspirou estas considerações.

Dizia-me ele que não foi marinheiro por vocação mas antes por mero acaso. Nascido nas serranias beirãs, só conhecia o mar visto da terra e os navios por os vêr passar ao largo.

Veio para a Marinha porque queria viajar, gostava da farda, precisava de arrumar a sua vida, mas a razão principal, julga ele, foi ter no sangue, como todos os portugueses, o vírus da aventura que nos levou aos quatro cantos do mundo.

Navegou nos sete mares, passou muitas noites em branco, enjoou, sofreu chuvas, ventos e temporais, esteve longe da família muitas vezes, conheceu o amargo da saudade e teve algumas desilusões.

Compensações? Sim, também teve. Conheceu terras distantes e gentes estranhas, viu como o mundo poderia ser belo se os homens não teimassem em o estragar e quando deixou o serviço fê-lo de cabeça erguida e com a noção de ter cumprido.

Não fez fortuna nem conquistou glórias. Foi um marinheiro simples e vulgar, desses muitos anónimos que fazem a ARMADA.

Agora, afastado do activo pela idade que não perdoa, sente a nostalgia do mar, dos navios, das terras distantes e das gentes que lá conheceu, das vagas e dos temporais, do marulhar da água no costado e do bater cadenciado das máquinas, das gaivotas elegantes a desenhar curvas no céu, dos golfinhos brincalhões a saltar à proa dos navios, dos apitos do mestre e das bandeiras e galhardetes de sinais a tremular ao vento...

Quando vê a «sua» ARMADA a desfilar em parada ou os navios de guerra a navegar no Tejo, todo ele vibra de emoção e não raro as lágrimas lhe vêm aos olhos. Que saudades!

Ali vão outros como ele, marinheiros por acaso, homens tirados ao Povo, vivendo a vida que ele já viveu, com os mesmos problemas e os mesmos anseios.

Quantas e quantas vezes, na solidão do mar, mal dormido e enjoado, remoendo saudades e tristezas e lembrando o conforto da terra firme, amaldiçoou a hora em que se lembrou de assentar praça na Marinha...

E a terminar, em ar de despedida, concluiu:

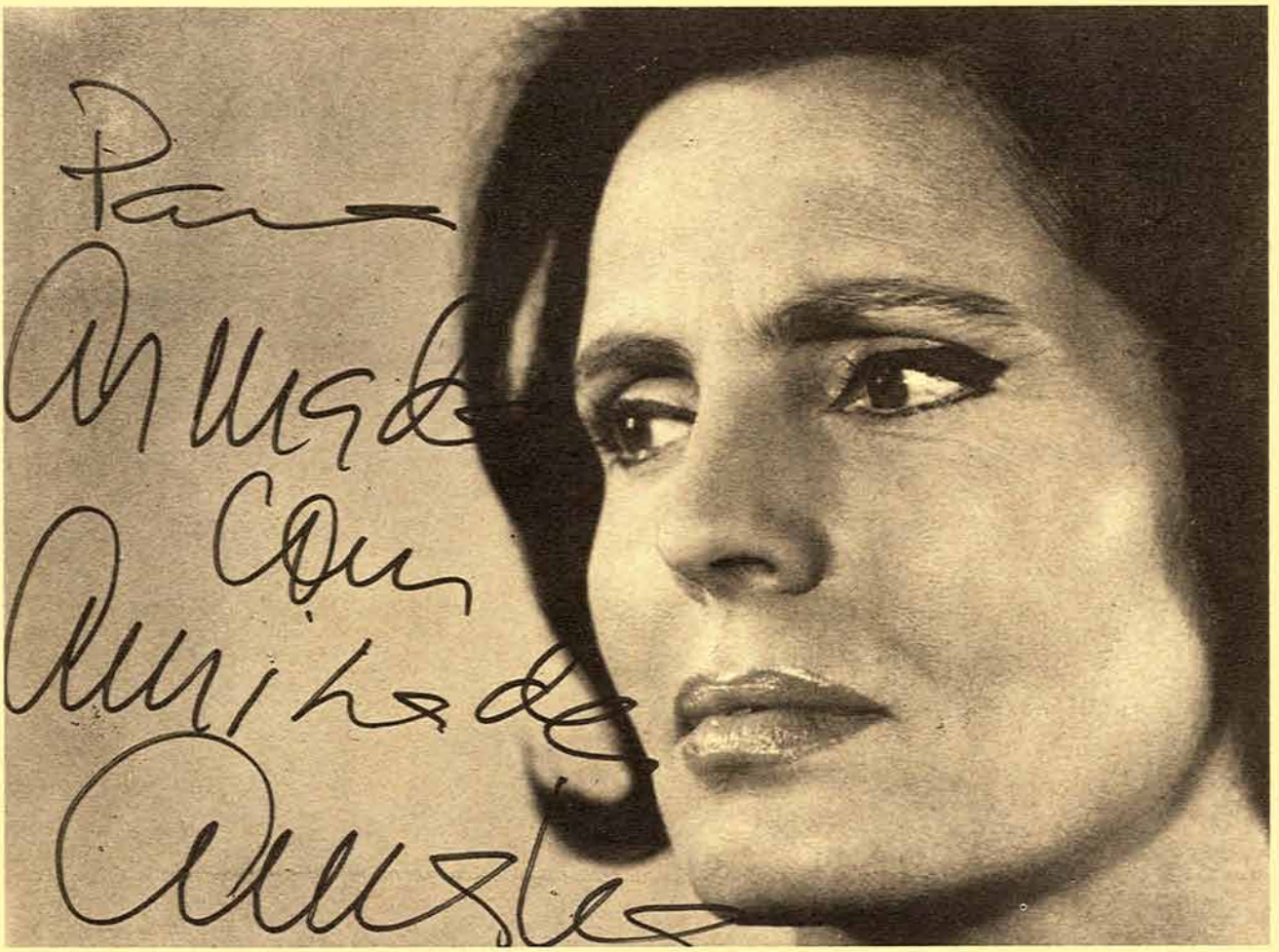
Sabes uma coisa? Se eu voltasse aos meus 18 anos e me perguntassem que carreira queria seguir... escolhia a Marinha!

NOTA DE REDACÇÃO

«A Revista da Armada», no presente ano será editada mais uma vez em princípios de Novembro. Em 1972 passará a ser mensal.

A «Revista da Armada» poderá ser adquirida em Lisboa e no Porto, em várias tabacarias e vendedores de jornais.

Amália a bordo



Parece-nos lógico, ao tomar contacto com os leitores desta revista, que é necessàriamente destinada àqueles que na Marinha de Guerra mourejam por esse Portugal fora, d'aquém e d'além mar, cumprindo galhardamente o seu dever de militares e marinheiros, dizer-vos quem somos.

O pseudónimo Capt. ZUZARA encobre um de nós, já no declinar da vida, vida que toda foi consagrada ao serviço do mar, mar que foi visto em todas as longitudes e cuja braveza e cólera algumas vezes nos fizeram olhá-lo com profundo respeito, marginando o receio, fascinados pela magia da sua grandeza, desproporcionada em relação à nossa pequenez, ao nosso nada.

O nome ZUZARA foi, há já certo tempo, escolhido por uma associação de ideias, que vou explicar.

Ao pretender arranjar um nome que traduzisse quem somos como modesto «gajeiro da pena», sentimos que devíamos simbolizar a nossa pequenez de génio literário por qualquer coisa que estivesse em último lugar e, pela tal associação de ideias, pensámos poderia ser expresso pela última palavra da língua portuguesa.

Qual seria?

Procurámos no Dicionário de Morais e deparou-se-nos a palavra ZUZARA — determinado género de crustáceo. A palavra soava exótica, pouco conhecida, atractiva e o seu imaginável cheiro a maresia, decidiu-nos.

Adoptámos a palavra e juntámos-lhe a expressão inglesa «captain» que quer dizer comandante como sabeis e assim julgámos ficar livres de... sermos corridos à batata pelos decepcionados da nossa falta de graça. O pseudónimo não passa da couraça simbólica, atrás da qual se esconde a lógica timidez de quem reconhece a modéstia do que faz quando escreve, o que, no caso presente, terá a virtude do exemplo de colaboração e da convicção do diminuto valor da mesma.

Agora, que está feita esta apresentação que nada apresenta, segue-se o meu contributo para este número do qual desejamos destacar que, embora a forma tenha alguma fantasia, os factos, a que nos iremos referir, são absolutamente verdadeiros.

Nas manobras navais portuguesas de 1950, a esquadra foi parar ao Funchal e a fragata, onde eu era

imediato pela primeira vez, atracou ao cais.
Amália Rodrigues, por essa altura, encontrava-se também naquela capital, actuando, como ela sabe actuar, no Casino onde, todas as noites, recebia os aplausos merecidos pela sua extraordinária capacidade de sentir a cantar.
Alguns oficiais da fragata onde eu estava, convidaram a artista para vir jantar a bordo e Amália Rodrigues veio, com o prazer que teve a amabilidade de dizer e a ainda maior arte de nos convencer.
A refeição estava marcada para uma determinada hora mas, como era natural, a artista teve enorme dificuldade em chegar a horas, pois os inúmeros admiradores, que a rodeavam e assediavam com perguntas, conversas e palavras de simpatia e admiração, não queriam perder o encanto da sua presença.
A guarnição ficou naturalmente alvoroçada com o acontecimento e, por mais que se tentasse dissuadi-la de tal, partiu do princípio de que Amália vinha a bordo por eles e para eles, se calhar, não andavam inteiramente longe da verdade, pois é bem sabida a simpatia que a artista vota ao alcaixe.
E então não foi preciso dar ordens para que todos estivessem fardados com o cuidado dos grandes dias, barbeados, escrupulosamente limpos, navio arrumadíssimo com as cobertas como um brinquinho. Dava gosto ver tudo e todos.
Amália veio acompanhada de uma pequena comitiva onde estavam os seus acompanhadores e foi necessàriamente recebida com as deferências do costume. Em seguida todos nos encaminhámos para a Câmara dos oficiais onde o jantar foi servido.
Decorreu num ambiente de excelente disposição, repleto de saídas de real espírito, que todos os convivas souberam ter para tão excepcional ocasião.
A mesa estava maravilhosamente decorada e eu digo isto porque, convém recordá-lo, não foi preciso a minha interferência para que todos dessem o melhor da sua capacidade.
Os criados e o despenseiro tinham-se saído bem e não se esqueceram de lhe dar o ambiente castiço do fado, onde sobressaía um doce, posto desde logo na mesa, em forma de guitarra, cuja forma tinha sido feita, em ambiente de «trabalhos forçados voluntários», pela esforçada equipa de fogueiros, naquela tarde, para darem o seu contributo à recepção, que a artista, supersticiosa, não quis «partir».
No menú de Amália, lá estava a quadrazinha inevitável, de sabor fadista, que rezava assim:

Deixai de chorar fadistas
Que o fado não pereceu,
Voltou a haver quem o cante
Desde que a Amália nasceu.

Não havia dúvida, a artista provocava uma corrente de inspirações e boas-vontades de todas as gamas.
Um elemento categorizado das cobertas pediu para me perguntarem «se a Amália cantava» e eu mandei-o esclarecer que «a Amália não tinha vindo a bordo para cantar, mas sòmente para nos dar o prazer de compartilhar da nossa refeição, mas que me parecia prudente aguardarem a hipótese da artista se resolver a fazê-lo por sua amável iniciativa».
O cozinheiro, que durante toda a comissão nunca dera provas de real valor na especialidade, para aquela refeição revelou-se um «grande amante do fado», porque a verdade é que tudo estava realmente de um sabor esmerado e dum requinte, que nos deixou a todos embasbacados e eu, obrigado a ver as coisas com olhos de «dona de casa» (salvo seja, é claro) indignava-me ìntimamente contra aquele mariola que só sabia fazer pitéus para «grandes artistas da canção nacional».
Muito no íntimo, ao ouvir os elogios que Amália fez ao jantar, que sentimos irem mais além da simples amabilidade cortês, pensava, de mim para mim, «deixa estar, meu maroto, que eu tas cantarei».
A certa altura, pelas dez horas da noite, hora de estender macas, o criado solicitou-me ao ouvido «ordens para as cobertas».
Segui o meu palpite: mandei que esperassem pois tudo me dizia que Amália cantaria para eles.
Não me enganei. O «viola», que se sentava à minha esquerda, segredou-me que Amália lhe tinha feito o sinal tradicional de quando desejava cantar.
Num entremeado da conversa, falando-se de fados da artista, tive a opinião de que um dos fados que eu mais gostava era precisamente o «Fado da Amália» onde nos versos se admite que haja alguém, por quem ela se interessa, que precisamente declara «Amália, não sei quem é».
O leitor se é amante do fado, sabe aquele a que me refiro.
O jantar aproximava-se do fim e eu que já sabia que Amália cantaria e que os instrumentos já estavam a bordo, virei-me para a Amália e disse-lhe mais ou menos isto:
Já sei que resolveu ter a amabilidade de cantar para nós. Ninguém se atreveria a pedir-lhe tal porque desejávamos sentisse bem que, embora a admiremos como artista e a queiramos sempre ouvir cantar, sòmente nos bastávamos com a presença e convívio da pessoa, que não marca menos em simpatia, que a artista. Se não se importa então, e já que vai cantar, sou eu quem lhe pede comece pela guarnição, que vive momentos trágicos de legítima impaciência, pelo que convém sossegá-los.
Seguimos para a coberta onde toda a guarnição esperava.
A artista foi recebida com uma salva de palmas quente, sincera, convincente.
A marujada estava impecável. Parecia um orfeon: cobertas decoradas de forma a dar ambiente típico e castiço.
Fiquei orgulhoso, pois não há nada que mais orgulhe quem dirige, de que não precisar de dizer nada para

que tudo esteja melhor do que poderia esperar — tanto subordinados como chefes se dignificam aos próprios olhos.

Amália pediu sòmente que não fumassem e começou por cantar, num requinte de amabilidade, precisamente o fado a que, ao jantar se tinha feito referência e cantou, cantou como só ela sabe cantar, sem parar, sem anunciar, numa sequência de sonho, ouvida em religiosidade num silêncio da assistência impressionante, espalhando um encantamento que na altura soube sentir e que hoje recordo perfeitamente, mas que, infelizmente, por carência de garra, não sei transmitir ao papel...

Quando terminou, as palmas levaram tempo a romper e eu tive, pela primeira vez na vida, a noção do quanto, por vezes, o silêncio pode ser a maior consagração de um artista.

Parecia que ninguém queria aceitar que o encantamento terminara.

Quando finalmente as palmas romperam, a casa veio abaixo.

De facto, de tudo quanto se tinha assistido, não sabia que mais admirar, se a capacidade da artista cantar com tanta sonoridade, inspiração e sentimento interpretativo, numa sequência ininterrupta, se a capacidade dos seus acompanhadores a seguirem sem uma hesitação, sem uma falha, tirando das guitarras e das violas sons que nos parecia ouvir pela primeira vez.

Enfim, Amália, serenados os ânimos das palmas, perguntava quem era o cozinheiro.

Levantou-se o «mariola», que só trabalhava bem para artistas do fado consagrados.

Amália agradeceu-lhe o trabalho que tinha tido com o jantar, declarando que estava tudo muito bem confeccionado e que tinha gostado muito e acrescentou: — Então, para terminar, escolha V. o fado que deseja ouvir, que eu dedico à guarnição deste navio, que me recebeu com tanto calor e simpatia.

O cozinheiro escolheu o «Ai Mouraria» e a mim pareceu-me que o ouvi pela primeira vez. O poder do ambiente, a magia da presença da artista, absorvendo a atenção e o interesse generalizado, valorizaram extraordinàriamente até o que já se instalara há muito no nosso ouvido.

Amália retirou-se com os seus acompanhadores a horas já mortas e deixou-nos a todos a recordação da sua inconfundível presença e de uma noite inolvidável.

No dia seguinte, por volta do meio dia e antes de sairmos novamente para o mar, a artista veio a bordo apresentar os seus cumprimentos de agradecimento por aquilo a que ela chamava a «nossa gentileza».

Nós é que lhe ficámos devendo um episódio tão notável, que as consequências não se fizeram esperar as quais — aqui é que está a verdadeira razão desta história — foram as seguintes:

a) O pessoal da Peça 1, lá porque tinha sido o lugar onde foram servidas umas bebidas à Amália, quando da sua visita de agradecimento e tiradas algumas fotografias para recordar a visita, reclamava o direito de dar à peça o nome da artista.

b) O pessoal da Peça 2, cheio de inveja, lamentava-se, dizendo que a sua infelicidade era tanta que, enquanto para os outros *ia a Amália*, para eles ia fuligem da chaminé que era preciso limpar todos os dias.

c) Finalmente e para não alongar mais a história que não se pode dizer em poucas palavras e muito menos sem palavras, o cozinheiro, com o ar muito sério, quando o interpelei sobre a surpresa da sua capacidade de saber realmente cozinhar, coisa de que estávamos convencidos ser incapaz, em lugar de se dar por achado, com o maior descaramento e descontracção, alvitrou «ir o louvor da Amália para a caderneta, se possível».

Capt. Zuzara

N. da R. — O presente artigo, a que outros na medida do possível se seguirão, constitui uma homenagem aos artistas portugueses que sempre têm colaborado com a Marinha a quem generosa e incondicionalmente oferecem a sua amizade, da qual a Corporação tanto se orgulha e preza.

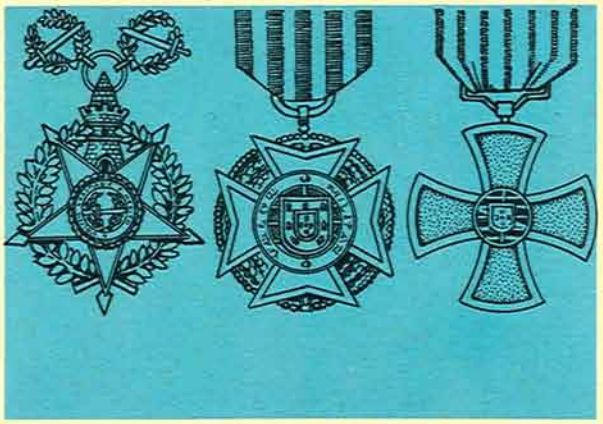
Efemérides Navais Relativas ao Mês de Setembro

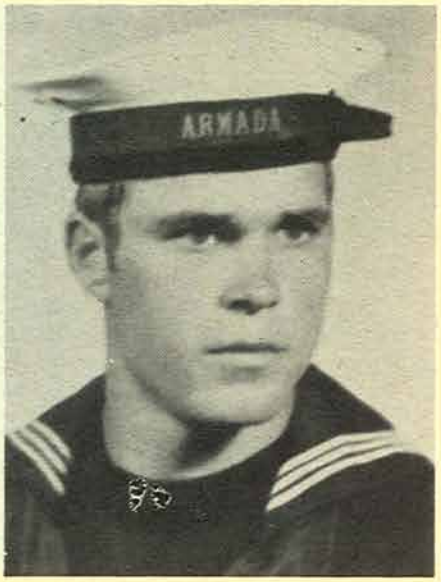
1. — Em 30 de Setembro de 1458 parte de Setúbal D. Afonso V para a conquista de Alcácer-Ceguer.

2. — Em 5 de Setembro de 1507 chega a Mascate a esquadra portuguesa comandada por Afonso de Albuquerque, ferindo-se um encarniçado combate em que os portugueses ficaram vitoriosos.

3. — Em 30 de Setembro de 1518 os portugueses entraram pela primeira vez em Ceilão.

a Pátria honrai





Foi concedida, a título póstumo, a condecoração com a medalha de Cruz de Guerra de 4ª classe ao Marinheiro Fuzileiro Especial n.º 798/64, ANTÓNIO SOARES DOS SANTOS, natural de Oliveira do Conde, Carregal do Sal, por ter demonstrado possuir durante o tempo em que serviu no Destacamento n.º 8 de Fuzileiros Especiais, excepcionais qualidades de combatente, militar disciplinado e brioso cumpridor, desempenhando-se sempre cabalmente das tarefas que lhe foram atribuídas. Bom camarada, granjeou bem depressa o respeito e a admiração tanto de superiores como de inferiores.

Integrado numa missão de fiscalização em botes no rio Olossato, ao sofrer esta patrulha três violentas emboscadas consecutivas, o marinheiro Santos mostrou completo desprezo pelo perigo e a mais alta noção do dever, aliada a uma extraordinária eficiência que contribuiu de maneira destacada para calar o inimigo.

A acção que desenvolveu acabou por lhe causar a morte na última emboscada, na mais alta tradição da Armada.

Em numerosas operações em que participou, revelou-se sempre pela sua eficiência e actuação constante, sem que o cansaço físico ou estado de espírito tivessem nele qualquer influência.

Deste modo é digno o marinheiro Santos de ser apontado à consideração e respeito público por ter demonstrado ser um militar invulgar, aprumado e leal e ter possuído altíssimas qualidades de coragem, sangue frio, serena energia debaixo de fogo e desprezo pela vida, honrando a Armada e a Pátria.

CRUZ DE GUERRA

(1ª classe)

1.º ten. Guilherme A. de Alpoim Calvão — Guiné (1964)

1.º ten. João J. de Freitas Ribeiro Pacheco — Guiné (1964)

5012/c. FZE — Acácio Soares R. Marmelo — Guiné (1970)

(2ª classe)

2.º ten. José M. Malhão Pereira — Guiné (1964)

4259/1.º sarg. FZE — Arnaldo D. B. Amante — Moçambique (1970)

5786/2.º sarg. FZ — Salustiano da S. Candeias — Moçambique (1970)

(3ª classe)

4300/1.º sarg. FZE — Joaquim António Afonso — Moçambique (1970)

4324/c. FZE — Sebastião Dias Rosa — Moçambique (1970)

682/65/mar. FZE — Mário Guerreiro — Moçambique (1970)

(4ª classe)

4164/1.º sarg. FZE — Carlos Martins — Angola (1969)

O Meu Amigo

— Sr. Capelão, o Sr. Comandante de Batalhão quer falar-lhe com urgência.

Foi assim e ofegante que a ordenança me veio dar o recado. Nunca o tinha visto apressado e não era exemplar a fazer continências. Pois nesse dia chegou ao meu gabinete com aspecto de quem vinha a toque de caixa, pediu licença e fez continência quase impecàvelmente. Não habituado a tais rigores militares para com a minha pessoa, ainda saboreava o sorriso feliz que o ritual regulamentar me provocara, quando o grumete despejou o recado completo.

— O que há, pá? — Que se passa?

— Não sei, Sr. Capelão; o Sr. Comandante de Batalhão mandou-me vir ràpidamente e já procura o Sr. Capelão há um bom bocado.

Apressei-me bastante menos que a ordenança. Terminei qualquer niquice que tinha entre mãos e lá segui para o gabinete do Comandante de Batalhão. As minhas relações com o Comandante de Batalhão eram as melhores, fundadas em sólidos laços de amizade que perdura e, assim o espero e desejo, perdurará muito para além das funções que o meu amigo exercia.

— Ainda bem que aparece, Capelão. Tenho um problema que lhe quero passar imediatamente. — E sem me deixar respirar, continuou:

— Conhece o trezentos e dezoito, barra cinco?

— Não, o número não me diz nada.

— O Mouraria, homem. Não me diga que não conhece o Mouraria.

— Isso é outra conversa. Se não conheço o Mouraria. Ainda há dias desafiou o monitor para andar à pancada.

— Bem, também já cá se sabia e isso foi resolvido. O pior é o que vai ouvir. Tem-no visto ùltimamente?

— Recoste-se nessa cadeira e prepare-se.— E o Comandante de Batalhão, bem puxadas duas fumaças do inseparável cachimbo, continuou: — Não o tem visto nem o poderia ver; o nosso homem, esse raio do Mouraria, estava dado como desertor. Também não sei o que faz a Companhia que só ontem lhe encontrou a falta. O diabo do rapaz estava ausente há dez dias, imagine, e agora apresentou-se.

— E agora? — arrisco eu, como tímida pergunta.

— Agora, diz bem. Aí é que está o sarilho todo. O rapaz é um miúdo, tem dezassete anos, ainda não acabou o ITE e eu não posso ignorar o que aconteceu, nem posso esconder o caso ao 1.º Comandante. Que é que lhe hei-de fazer, não me diz? — E sem me dar tempo para pensar:— Ó Capelão, fale com ele e veja se há alguma ponta por onde se lhe possa pegar.

Fiquei ali sentado não sei quanto tempo às voltas com uma esferográfica e o cigarro sempre a fumegar.

— Fale com ele, Capelão, tinha-me dito há instantes o Comandante de Batalhão. Sim, falo com ele, tenho mesmo de falar com ele, mas que lhe vou dizer? Da conversa que vou ter com o Mouraria que poderei contar que lhe sirva de atenuante?

Saí do gabinete do meu amigo sem saber o que havia de dizer ao trezentos e dezoito. O número, para mim, não passava de uma abstracção, mas o Mouraria era um rapaz concreto que devia ter tido uma infância muito infeliz. Alto e bem parecido, dava nas vistas onde quer que se encontrava. De boas falas, insinuava-se fàcilmente no ânimo de camaradas e superiores. Filho de uma grande cidade e prematuramente amadurecido, o Mouraria lembrava-me um produto sintético que atingiu proporções exageradas artificialmente. Já o conhecia muito bem e tinha a veleidade de que era meu amigo. Tinha mesmo a certeza disso, especialmente depois do dia em que me garantiu com toda a solenidade: — O carro do Sr. Capelão não será roubado.

Como fazia com todos, também um dia o trezentos e dezoito passou pelo meu gabinete para uma longa e informal conversa. Dessa conversa que, por estranho que pareça, não foi nada difícil, é que fiquei a saber que era conhecido pelo Mouraria, que já há muito que não vivia com a mãe por quem tinha muito pouco respeito, que não conhecia o pai. Aos catorze anos, um senhor amigo da mãe arranjou-lhe emprego como mandarete num grande hotel de Lisboa, onde trabalhava quando resolveu vir para a Armada como voluntário.

O Mouraria falava com certa elegância e fluência.. Contava as coisas sem vaidade nem vergonha, natu-

Mouraria

ralmente, como o fluir da própria vida. Poucas perguntas foi necessário fazer nesta entrevista de apresentação que tinha com todos os grumetes. Só que, enquanto falava, não olhava muito direito para as pessoas. Quando me disse que se viu na necessidade de vir para a Marinha como voluntário, fiquei sem perceber nada.

— Mas foste despedido do emprego?

— Não, senhor — continuou imperturbável o Mouraria. — Dá-me licença que fume? — Com certeza, se gostas dos meus não faças cerimónia.

Acendeu o cigarro aproveitando logo a primeira fumaça, sorriu não sei de que maneira e prosseguiu a sua história. Sim, digo bem, história, porque este rapaz de dezassete anos já tinha história.

— O meu grupo estava todo a ser preso. Então, antes que também eu fosse dentro, resolvi vir para a Marinha.

Outra vez sem perceber, interessado já na história do Mouraria e intrigado com aquela de o grupo estar a ser preso, fiz mais perguntas.

— Bem, Sr. Capelão, isto não passa daqui? Então eu conto-lhe tudo.

Foi assim que fiquei a saber que fazia parte de uma quadrilha de ratos de automóveis, que um dia roubou um carro em Lisboa, foi nele para o Porto, abandonou lá esse carro, roubou outro para regressar a Lisboa e muitas mais coisas.

— Mas fique o Sr. Capelão sabendo que nunca roubei nada no hotel e nunca faltei ao serviço. — Isto foi-me dito em tom solene, como ponto de honra em que não se toca. No meio daquela miséria toda, esta afirmação peremptória que não admitia réplica ou dúvida, soou-me como um ponto de apoio, como algo prometedor de que nem tudo estava perdido naquele adolescente. Foi nessa entrevista que o Mouraria, em resposta a uma pergunta que entre trocista e receoso lhe fiz, me garantiu: — Sim, sei que o Sr. Capelão tem um carro cinzento, marca x e matrícula y; mas pode ficar tranquilo que o seu carro não será roubado.

Fiquei amigo do Mouraria. Falei com ele muitas mais vezes e também me fumou muitos mais cigarros. Convenci-me de que lhe tinha captado a confiança e nas aulas era interessado e animado. O ambiente em que agora vivia, o pequeno mundo militar, em nada se assemelhava ao que até então conhecera. Muitas facilidades tinham acabado e novos valores e interesses começavam a entrar-lhe no espírito. O Mouraria, quase passado o grande choque inicial, começava a compreender que sargentos e oficiais eram bem diferentes dos chefes que o orientavam no hotel e, sobretudo, os camaradas novos com quem vivia proporcionavam-lhe uma vida mais sadia do que o ambiente cosmopolita do grande hotel da grande cidade onde tudo lhe era fácil.

Agora, eu devia falar outra vez com ele. O caso era embaraçoso, muito difícil até. Não via como se poderia evitar um pesado castigo e qualquer pena que envolvesse prisão era de consequência graves. O Mouraria estava a habituar-se à vida militar, já ia suportando menos mal as ordens recebidas e agora encontrava-se naquela situação. Ia perder o ITE; voltaria para a vida civil; reencontraria o seu grupo e possìvelmente recomeçava as proezas interrompidas: Onde poderia chegar aquele rapaz?

Passei a tarde a magicar e a solução não me surgia. O melhor, pensei, é não dar mais voltas à cabeça e ouvir o que ele me contará.

— Então, Mouraria, que é que te passou pela cabeça? Não vês que estás em muito maus lençóis?

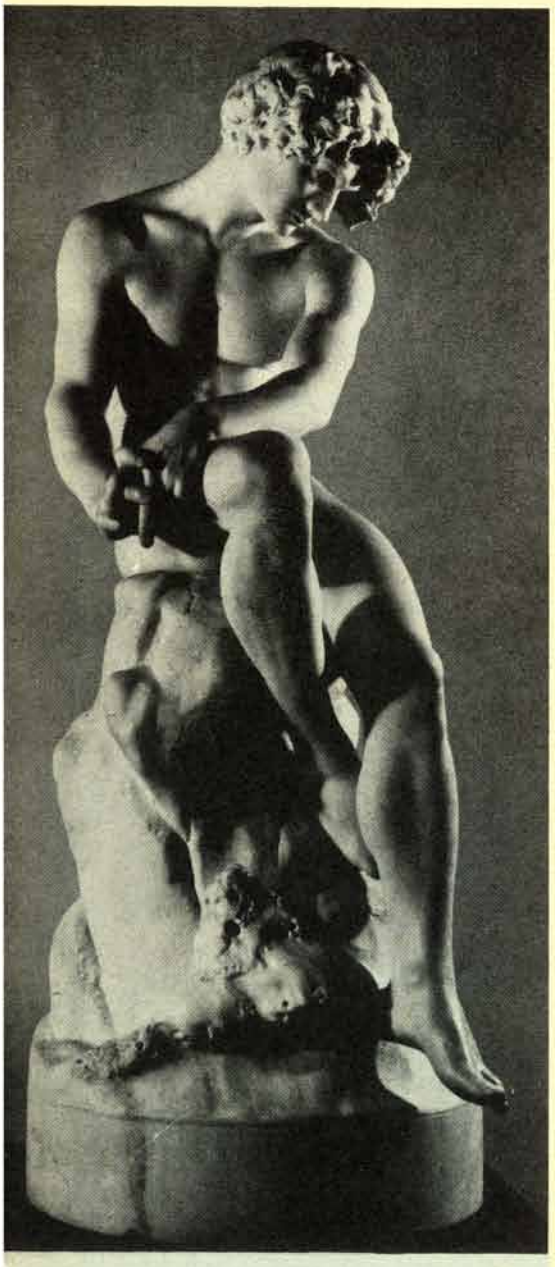
— Ó Sr. Capelão, não há nada a fazer. A gente não pensa e depois não vale a pena chorar. O que está feito, está feito. Gostava de ficar na Marinha, mas...

Após curtas reticências, encolheu os ombros, acendeu mais um cigarro dos meus, tirou a carteira do bolso e sempre com os olhos a fugirem de mim, estende-me uma fotografia.

Mirei e remirei a fotografia. Era uma mulher jovem e muito bonita. Quando lhe ia restituir a fotografia é que percebi tudo.

— Não me diga, Sr. Capelão, que uma mulher destas não vale uns dias de prisão.

S. AUGUSTO



«O DESTERRADO»
(No Museu Soares dos Reis — Porto)

A propósito dos 100 anos do ‹O DESTERRADO›

QUEM FOI SOARES DOS REIS

Há 100 anos, em Roma, um jovem bolseiro português modelava, carinhosamente, no barro dócil aos seus dedos de artistas, uma figura que iria permanecer como uma obra-prima da estatuária — O DESTERRADO — Esse jovem escultor era Soares dos Reis.

Nascera em Mafamude, Vila Nova de Gaia, em 14 de Outubro de 1847. Era filho de um comerciante modesto que, após a instrução primária, o encaminhou para os estudos comerciais, no desejo de ver o filho adoptar um modo de vida que lhe parecia prometedor. Não era essa no entanto, a vontade do moço que cedo começou a revelar uma inclinação especial para o desenho e para a escultura. Matriculou-se por isso na Academia Portuense de Belas Artes em 1 de Outubro de 1861, ingressando no 1.º ano dos cursos de Escultura, Desenho e Arquitectura. O pai, no seu raciocínio de homem de negócios, antevê para o filho um futuro cheio de dificuldades e procura dissuadi-lo do caminho da Arte. O rapaz, no entanto, sem deixar de frequentar os estudos comerciais — no que a autoridade paterna não transigia — mantém a assiduidade às aulas nocturnas de Belas Artes. Termina ali os estudos em 1867 e, a conselho dos mestres, candidata-se, por concurso público, a uma bolsa de estudos para frequentar uma Escola de Artes em França. Ganhou o concurso e dispunha-se a partir para Paris como bolseiro do Estado. O pai opõe-se a isso tenazmente e foi necessária a intervenção persuasiva de alguns dos seus professores para o levar a conceder a necessária autorização. Segue enfim para Paris e, na admissão à Escola Imperial e Especial de Belas Artes desta cidade, classifica-se em primeiro lugar entre todos os candidatos estrangeiros. A sua aplicação é extraordinária. Aprende com avidez tudo o que para ele é novidade. Procura esquecer no trabalho e no estudo as contrariedades inerentes à sua situação de estrangeiro, saudoso da terra natal. Esteve em Paris até 1870. A guerra franco-prussiana leva-o a partir para Roma, santuário de obras-primas de escultura, polo de atracção de todos os artistas que a souberam embelezar. Estuda ali as grandes obras clássicas e pode admirar a beleza extraordinária e o vigor das estátuas de Miguel Ângelo, a que nem o sopro da vida parece faltar.

Longe dos seus, sente a nostalgia da Pátria. A angústia moral como que lhe desperta toda a sensibilidade artística. Principia os estudos para aquilo que há-de vir a ser a sua obra mais célebre — O DESTERRADO.

O tema é já uma incisiva vivência. O barro que as suas mãos ágeis vão modelando, adquire a expressão reflexa do seu próprio sentir. Soares dos Reis era, por natureza, um inadaptado e sofria efectivamente. A figura do proscrito, símbolo de amargura e desalento, vive-a ele, sem dúvida. Só assim poderiam as suas mãos prometeicas alcançar do barro tanta vida. Febrilmente, passa do estudo à obra pronta.

Sobre um rochedo de Capri vai assentar essa inigualável figura de mármore que ficaria como obra-prima da estatuária mundial, nada ficando a dever às maiores. Com afã e carinho, o cinzel desbasta a pedra informe para tirar dela a expressão total do abandono e do desalento. Da cabeça aos pés, cada linha tem essa marca. Os cabelos revoltos emolduram uma face fina, de traços marcados pelo desgosto, abatida, não ousando levantar o olhar que, apesar de fixar qualquer coisa ali perto, não a vê... Sabemos que está focado para o infinito, num completo alheamento das coisas...

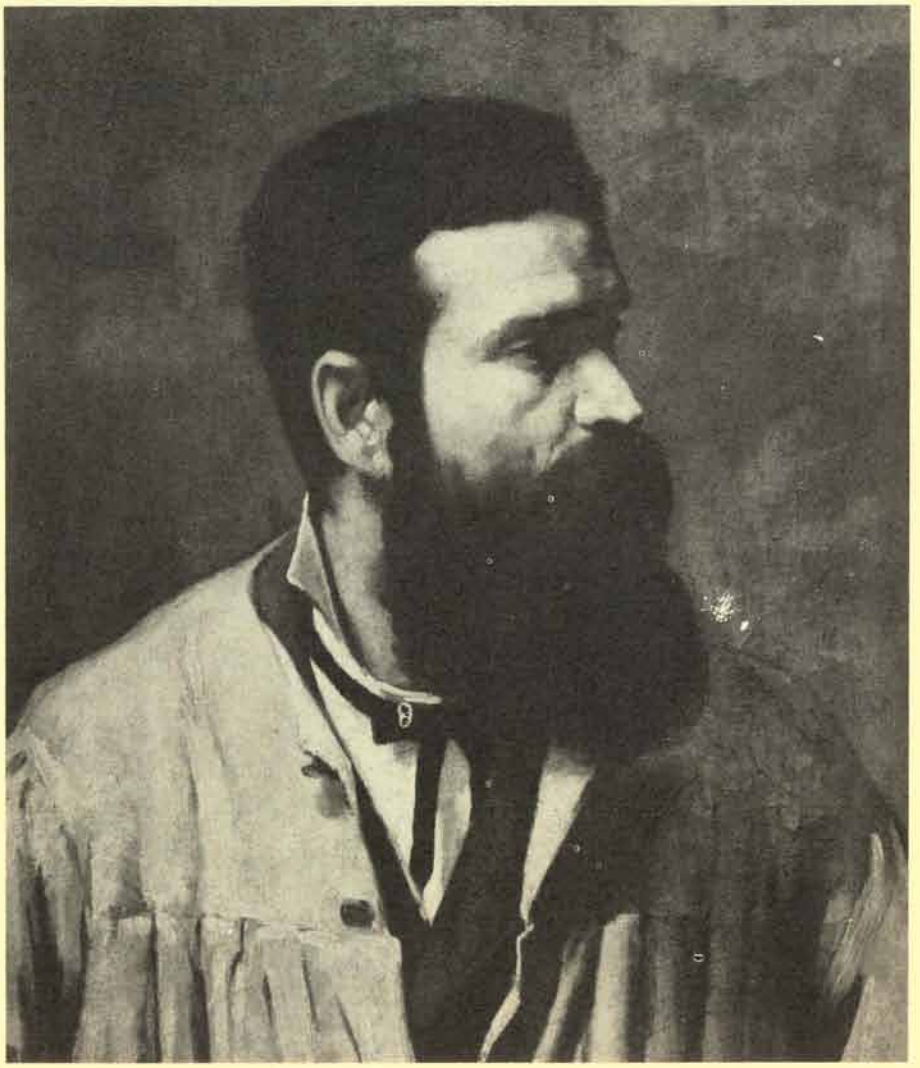
A curvatura dos ombros e do dorso, o relaxamento dos braços e da perna esquerda, a magnífica linha que desce do ombro esquerdo aos dedos da mão, com apoio na perna direita, recolhida, conferem à estátua essa expressão de desalento que Soares dos Reis tinha em mente. O DESTERRADO, a despeito dessa pose quieta e serena, tem a animá-lo o fogo da vida interior e a sublimidade da renúncia consentida. Da mesma forma que em alguns andamentos lentos de certas obras de Beethoven, poderíamos caracterizar a sua aparente serenidade como uma sublime inacção — a quietude que nasce da dolorosa renúncia ao que é vão e transitório.

Soares dos Reis foi na vida, efectivamente, um desterrado. A tortura do afastamento, o abismo de sofrimento que lhe impôs a distância da Pátria, o abatimento e prostração causados por essa luta interior, sugeriram-lhe aquele espantoso drama de melancolia. Nunca uma derrocada moral foi traduzida em pedra com tão impressionante realismo. Contagia-nos ao primeiro olhar.

A obra foi apresentada como prova final dos seus estudos de bolseiro. Está no Museu Soares dos Reis, no Porto. Existe uma cópia, em bronze, no Museu de Arte Contemporânea, em Lisboa, que possui também o gesso que serviu para a sua modelação. «O DESTERRADO» bem merece que o visitem quando faz precisamente 100 anos. Quem o fizer não perderá o seu tempo, pois admirará uma obra sublime.

Quando foi apresentado pùblicamente, produziu enorme espanto e também alguma inveja! Considerado pela maior parte dos artistas contemporâneos como obra de primeiro plano, foi apodado de plagiato por outros e denegrido no seu valor. É sempre assim! Na esteira das grandes realizações há sempre desenganos e dor. Sentiu-a Soares dos Reis na sua carne pelas injúrias e calúnias dos camaradas de ofício. Ultrapassou esse desgosto e afirmou-se como artista de eleição em muitas outras obras das quais se destacam a estátua de «D. Afonso Henriques» em Guimarães, a de «Brotero» em Coimbra (no jardim botânico), «Artista na Infância» e «Busto de uma Senhora Inglesa» (Mrs. Elisa Leech). Este busto está exposto no Museu de Arte Contemporânea em Lisboa e é uma obra-prima de psicologia. Nele se sente toda a segurança e mestria de Soares dos Reis.

São dele também «A Saudade e o Abandonado», «Flor Agreste», «A Filha dos Condes de Vinhó e Almedina» (hoje no Museu de Arte Contemporânea), os bustos de «A Condessa de Moser» (no mesmo museu), «Hintze Ribeiro», «Domingos de Almeida Ribeiro» e «Fontes Pereira de Melo», sua última obra, segundo se crê. Precursor do Realismo na Arte Portuguesa, foi professor de Escultura na Academia de Belas Artes do Porto, mas nunca se conciliou com a vida e com os homens. As reformas do ensino que propunha esbarravam com o conservantismo dos rotineiros medíocres que o não compreendiam. Desesperado e cheio de amargura pôs tràgicamente fim aos seus dias, num gesto de desespero, em 16 de Novembro de 1889. Os seus conterrâneos perpetuaram a sua memória com uma estátua da autoria de Teixeira Lopes, a qual se ergue numa praça em Vila Nova de Gaia.



«Soares dos Reis» por Marques d'Oliveira (no Museu Soares dos Reis — Porto)

O. Lemos

bibliografia

SOB INCLEMÊNCIAS TROPICAIS
por Acácio Neves, 1.º s/enf.

A Revista da Armada registará sempre, com prazer, toda a actividade literária daqueles que servem a Marinha. Não poderá no entanto ir além de breves referências pois o espaço de que dispõe para o efeito é restrito.

O trabalho do autor revela uma notável perspicácia e poder de observação, escalpelizando (talvez com demasiada crueldade e insistente procura), ambientes sociais que não primam pela morigeração. O seu poder descritivo é por vezes cheio de realismo como se pode deduzir deste excerto:

«A pressão atmosférica, carregada de negridões e tempestades, faz voar o helicóptero a rasar a copa das árvores e ao alcance dos tiros, rumando entre a negridão das nuvens como automóvel em estrada sinuosa. Logo, passados vinte minutos de voo, uma bala foi enroscar-se na chaparia do aparelho fazendo-o gemer ferido de morte.

Ernesto estuda as consequências do acidente e verifica não haver outro remédio senão deixar-se cair o mais adiante possível nos campos abertos das culturas, talvez na boca do lobo. Não pode certificar-se da existência de nativos naquela região embora tudo mostre tratar-se de uma aldeia importante. Acorda Nécio do seu sono de febre e expõe-lhe a situação aflitiva, francamente, em poucas palavras. Este desperta da modorra febril, do cansaço e do delírio, sacudindo a cabeça e a morte como o embriagado afoga a bebedeira num ápice ao tomar conhecimento duma imposição perigosa. Abre os olhos. O mundo vai caindo nas trevas. Tenta avaliar o seu estado de saúde, mexe a cabeça, os braços e as pernas. Sente-se gelado, muito fraco e quase calmo.

Sobrevoam a elevação arborizada e vêem, em baixo, uma aldeia laboriosa, engastada na mata, dotada dum belo pitoresco selvagem. Homens e mulheres de musculaturas desenvolvidas e ventres cavados descarnam grandes ossos com gestos caninos, bebem vinho de palma, cantam e uivam, pulam e dançam diabòlicamente. Os tantãs transmitem hipnóticas mensagens e todos executam bailados frenéticos cujo significado não conseguem compreender. Os nativos de plumas e cornos na cabeça brandem paus e azagaias, atirando crianças por entre os gumes, num tradicional e curioso bailado de lanças. As mulheres de seios caídos e murchos e as «bajudas» de pomos bem burilados e hirtos, de igual sorte vestidas de saias de fibras, sacodem as ancas.

Ernesto porfia em não desanimar. Tem confiança na sua estrela, no seu espírito inventivo, teimando que há-de encontrar uma saída airosa.

— Meu caro, nada de desanimar. Não vamos deixar-nos assar no espeto. Não somos passarinhos, somos homens, hein!»

LIVROS PUBLICADOS

ESTUDOS SOBRE NAVIOS PORTUGUESES NOS SÉCULOS XV E XVI
pelo c.m.g. Henrique Lopes de Mendonça.

Em edição do Ministério da Marinha, e fazendo parte da Colecção Documentos, foi publicado mais um volume — o 5.º — reeditando a obra em epígrafe. Henrique Lopes de Mendonça foi escritor, poeta e dramaturgo de projecção nacional, e interessou-se, neste livro, pelos problemas de arqueologia naval. A beleza e desenvoltura do seu estilo literário constituem, para além do valor científico desta obra de investigação, penhor seguro de uma leitura tão proveitosa quanto aliciante. A autobiografia, incluída nesta edição, só por si, é um monumento literário. O comentário preliminar a esta edição é da autoria do Comte. Teixeira da Mota.

POESIA IV
de José Gomes Ferreira (Poesia)
Portugália Editora, Lisboa 1970.

Na sequência de outros livros de temática semelhante, surgiu POESIA IV no seu tom patético de grito de revolta contra o absurdo deste mundo, contra a morte e o nada. Poesia verdadeira — porque seguramente vivida e cheia de conteúdo dramático — põe-nos perante as questões c h a v e s da trilogia Homem-Mundo-Deus. Para lá do pessimismo, uma grande coragem na confrontação com a realidade da vida. Verdadeira poesia, eis tudo!

MEDITAÇÃO EM SAMOS
de João Rui de Sousa (Poesia)
Galeria Panorama, Lisboa 1970.

Eis-nos perante um livro de poemas onde o ritmo, a harmonia e o equilíbrio lhe conferem um tom geral que quase somos levados a considerar de tendência clássica. Sentimo-nos seguros nesta atmosfera de poético ordenamento em que a esperança, a paz e a justiça são participantes de uma temática não enjeitada.

AMOR E MORTE
de Maria Ondina (Braga) (Contos)
Soc. de Expansão Cultural, Lisboa 1970

Se é certo que o género «conto» se apresenta difícil para quem escreve, é no entanto, quando o autor o cultiva com mestria, um deleite para quem lê. Há neste livro AMOR E MORTE contos que verdadeiramente nos cativam pela caracterização de personagens e ambientes.

PORTOS DO ULTRAMAR

Realidade em curso para um futuro que exige

Vista aérea do cais de L. Marques — Cais do Gorjão

Por muito que a vida do espírito seja cada vez maior, aquela fronteira honrosa entre o homem e os outros seres vivos, fonte de agradáveis momentos e sensações, como a leitura, a investigação científica, a prática dialéctica, ou simples bate-papo descontraído e irresponsável de fim de tarde ameno, em roda de amigos, a manutenção do organismo vivo continua a ter como prática não substituível — ou quase — a ingestão de alimentos, para a qual se encaminham, seja por que vias for, e como fim último, todas as diligências, todo o trabalho, muscular ou intelectual, que o indivíduo dispende. Estuda-se mais, desenvolvem-se esforços maiores, aprofunda-se a investigação, revolucionam-se métodos de trabalho, constroem-se máquinas a substituir memórias humanas e exercícios de raciocínio preconcebido, tudo para o que se chama em última análise a promoção social dos povos, que consiste infelizmente em soluções tão variáveis como proporcionar, a uns tantos, requintados pormenores de conforto enquanto para outros se resume a procurar garantir-lhes o mínimo indispensável para manutenção de sobrevivência.

De qualquer modo, e sem que isto envolva adesão a materialismos puros, a verdade é que em todo o mundo se desenvolvem cada vez mais vastas actividades para acudir à explosão demográfica que se desenvolve nos gráficos segundo curvas sucessivamente de maior gradiante, e a preocupação dos indivíduos mais responsáveis de todos os sectores da administração anda à roda da produção de bens de consumo, que vão do automóvel de luxo ou mobiliário anatómico, à tentativa de levar proteínas e sais minerais aos seres humanos dos mais remotos recantos do planeta, que vegetam quase nos níveis ínfimos da subalimentação.

Com isto o comércio na escala mundial sobe de ritmo sensivelmente paralelo às exigências do consumo, e cada qual procura alertar-se para não ficar preterido na corrida que envolve tudo, porque envolve a sobrevivência. Mesmo os opulentos de hoje, se param, morrem. Nasce daí, uma concorrência onde não há lugar a desperdícios de tempo, nem de oportunidades, nem de meios exploráveis. Assiste-se ainda a uma aceleração constante deste processo que passa a exigir adopção indispensável de novos dimensionamentos para eficiência de estruturas: ao sapateiro de vão-de-escada sucede a grande indústria de sapataria, à mercearia de esquina sucede o supermercado, ao transporte ronceiro de carga geral sucede o navio rápido especializado — frigorífico, mineraleiro, de cereais, até de vinhos. E ao tráfego de carroça ou burrinho de azeiteiro tem de suceder a grande máquina ferroviária, rodoviária, de apetrechamento portuário, etc.

Portugal, nação talhada na Europa dos séculos doze a catorze, voltada logo a seguir para a única saída que se lhe oferecia — o mar — onde o destemor, a audácia e a ciência absorvida de europeus e árabes lhe permitiu a realização do descobrimento de terras e rotas que encheram os séculos quinze e dezasseis, povo colonizador, depois, com feitos reconhecidos como notáveis para o progresso dos povos, Portugal, dizíamos, acompanha ao ritmo que a tantos surpreende pelo invulgar de o conseguir mesmo atacado em três frentes ou quatro fronteiras, essa revolução de progresso.

Aprendemos na escola, não raro sem aquele sentido prático dos conhecimentos úteis, antes como bagagem que tem de ser penosamente transportada até nos livrarmos dela no primeiro exame, que possuímos no Ultramar dos melhores portos do mundo, e a pontinha de orgulho que nos compensa por alguns anos dos tormentos de decorar matéria inútil, preenche as nossas exigências de cultura geral. Depois, na vida, ouvem-se discutir, não raro também, com certo derrotismo a que somos permeáveis e receptivos, as grandes limitações da nossa capacidade, da capacidade da nossa administração, de tal modo que os outros, os estrangeiros, é que são bons, e nós nos vamos safando quase sempre atrás de todos, com a benevolente ajuda da providência, e a divina protecção da Senhora de Fátima.

Ora, o conhecimento certo do que realmente temos feito, face a tal desiquilíbrio de informação, pode contribuir positivamente para a dupla função de não deixar fugir de nós todo o justificado orgulho dos verdes anos, e nos mostrar também as responsabilidades de intervir como elementos participantes da actual geração, para um futuro em que parar — dissemos — é morrer.

Possuímos, de facto, nas terras e nas rotas oceânicas que definitivamente desvendámos para todos os povos, óptimos portos de mar, singulares pontos de convergência e de irradiação do grande tráfego de bens que o homem permuta e consome. Não são portos de mar apenas por constituirem baías abrigadas, estuários amplos, ou enseadas profundas de fáceis acessos; isso poderia satisfazer o ritmo lento da vida de há um século, mas seria hoje pouco mais que nada. São portos de mar, dignos desse nome, porque permitem o escoamento do tráfego nos prazos que a dinâmica social ao nível das nações requer e exige.

Em Moçâmedes podem carregar-se cinco mil toneladas de minério de ferro por hora, em navios até 200 mil toneladas de deslocamento, e o volume total de mercadorias movimentadas ultrapassa os 6 milhões de toneladas anuais; o cais acostável do Porto Salazar, com fundos de 19 a 35 metros, é constituído por uma das lages de betão mais extensas do mundo — obra notável da engenharia portuguesa —, com 325 metros de comprimento por 18 de largura, a que se acrescentou no último ano um duque de alba a 60 metros do extremo do molhe; também o sistema de defensas, constituídas por blocos de betão suspensos, de 100 toneladas, actuando por inércia, é obra interessantíssima e eficiente.

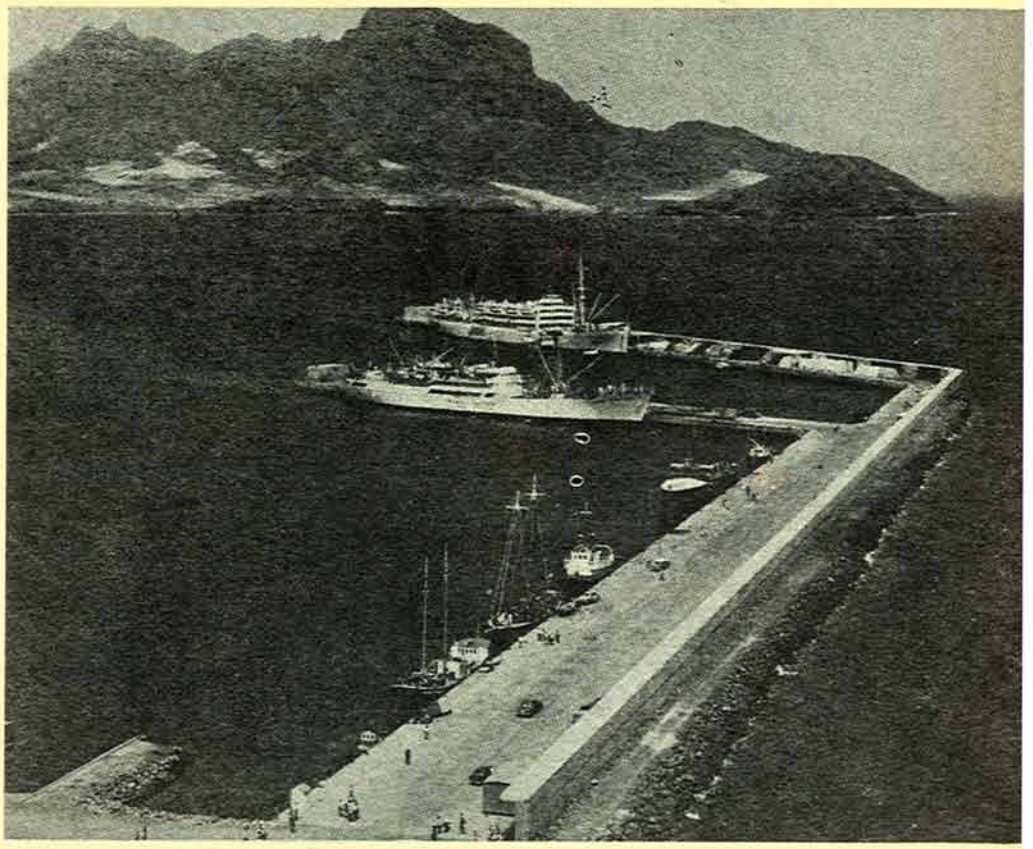
Lourenço Marques é o porto do Ultramar de maior tráfego global que atinge actualmente treze milhões de toneladas anuais. Já em 1903 o cais acostável do Gorjão tinha meio quilómetro de comprimento, vindo a crescer sempre desde então para se desdobrar hoje no estuário do Espírito Santo em várias zonas de tráfego especializado, de que se destacam as instalações para combustíveis líquidos na Matola com um cais de 164 metros de comprimento, outro cais de 208 metros para carregamento de minérios a gra-

nel a um débito de manuseamento de 2000 toneladas por hora, em terminal próprio para o carregamento de açúcar a granel com espaço para a recepção e carregamento de dois comboios diários de 1000 toneladas cada, e complexo sistema de embarque dos navios partindo dos armazéns em pontos elevados, caindo nos porões por gravidade através duma calha distribuidora telescópica conseguindo-se um ritmo de embarque de 750 toneladas por hora. O cais do Gorjão cresceu, entretanto, para ter já hoje 2433 metros acostáveis a navios de longo curso, e foi equipado com material do mais eficiente para movimentação e armazenamento de cargas.

Não nos dá o espaço limitado destas páginas para entrar em detalhes que seriam, também, monótona, se bem que significativa, sucessão de números. Adiantemos, todavia que Lourenço Marques possui armazéns com área coberta de seis quilómetros quadrados, cerca de 200 unidades mecânicas de transporte, três vias férreas para circulação de comboios, alguns dos quais, de carvão, podem ser descarregados elevando um vagão de cada vez e basculando-o directamente para o porão do navio, ou por descarregadora eléctrica debitando 800 toneladas por hora.

Angola e Moçambique possuem, todavia, outros portos importantes de longo curso, servindo naturalmente cada um sua linha própria de escoamento ou de penetração. Luanda movimenta actualmente mais de dois milhões de toneladas de carga por ano e o Lobito, à roda de um milhão e novecentas mil toneladas. Na Beira, as cifras oscilam, nos últimos anos, entre três milhões e três milhões e meio, o porto de Nacala, aguardando ainda o grande afluxo das produções ricas do interior, movimenta já 340 mil toneladas, possuindo grandes instalações de combustíveis quer para descarga de petroleiros, quer para fornecimentos à navegação.

Na linha de portos secundários, 15 em Angola, e 14 em Moçambique, movimenta-se também apreciável volume de mercadorias sendo interessante frizar apenas a diferença essencial da natureza de cargas entre as duas grandes províncias africanas, bem



Visita do cais de S. Vicente — Cabo Verde

como da sua densidade por extensão territorial; é que, sendo pràticamente igual o número de instalações em Angola e Moçambique, a relação entre a linha de costa e a área interior é quase duas vezes maior nesta segunda província (em números exactos: 1,3 km em Angola, 2,8 km em Moçambique) pelo que se pode deduzir proliferação talvez exagerada de instalações na província atlântica; todavia, uma ocupação maior por maior população de consumo na costa angolana, uma densidade populacional maior e mais produtiva nos 6 distritos do litoral, e também maiores riquezas pecuárias, mineiras e de pesca em exploração nesta província ocidental, tudo se conjugando com melhores condições de navegação, de águas tranquilas e de inúmeros portos abrigados da-costa, explicam aquela diferença de densidade portuária.

Cabo Verde possui uma das melhores baías, ou portos naturais do Atlântico, famoso e rico quando outras condições não eram necessárias, tempos em que corriam — segundo expressão local — libras de cavalinho pelas ruas. A privilegiada posição atlântica, as suas enormes instalações de carvão, o tempo que os navios tinham de demorar para encher as «bancas» e as relações secundárias que daí nasciam com a terra deram ao Mindelo dias felizes de apreciável prosperidade, hoje recordados saudosamente nalgumas «mornas». Depois, havemos de convir, não soubemos defender a posição de relevo conquistada, os navios mudaram de combustível, passaram a ser mais rápidos, o tempo de permanência nos portos foi cifrado em prejuízo, e acordámos já manhã alta quando outros se ergueram a tempo de aliciar com ofertas mais atraentes e melhor assistência os interesses dos carregadores. Hoje, S, Vicente procura recuperar um pouco da estagnação de algumas décadas, construíram-se instalações acostáveis com quatro cais em aspa, dois de 310 metros com fundos de —11.5 metros, e dois de 160 a cotas de 9 metros e meio, com intervalos ainda para receberem navios de cabotagem, de guerra, rebocadores, barcos de pesca e outros menores, servindo sobretudo para o fornecimento de combustíveis líquidos através de adequado equipamento de «pipelines» ligados aos depósitos das empresas concessionárias. Um porto de mar, todavia, ou movimenta muita carga e é origem em si mesmo de riqueza, fixação

humana e prosperidade social, ou tem de oferecer mais qualquer coisa à navegação que o procura; servir de bomba de gasolina é pouco; a posição invejável de meio atlântico, a facilidade e largueza de acessos, as condições de abrigo natural, talvez justifiquem que o Porto Grande dê novos passos em frente, quem sabe se, por exemplo, com um grande estaleiro naval. Oxalá tal se consiga.

Para S. Tomé foi concluído em 1969 o estudo do complexo Portuário do Morro Carregado, que prevê em primeira fase um cais de longo curso de 220 metros de extensão com fundos de 10,5 metros. Bissau continua a servir a drenagem da sua mancarra e coconote, tendo aumentado sobretudo a incidência administrativa centralizada sobre os pequenos portos secundários da Província com a evolução da anterior administração do porto para Junta Autónoma dos Portos da Guiné, que vem realizando melhor apetrechamento dos locais servidos pela cabotagem. Dili e Macau, obedecendo a condicionalismos específicos, servem as necessidades locais, e da navegação que os demanda.

Diz-se que as estradas e caminhos de ferro são os vasos sanguíneos que alimentam a vida dos territórios; os portos de mar terão de constituir, nessa analogia, as grandes entradas e saídas do fluxo vital. Porém, se alguns servem e vivem de acordo com tal conceito, as terras que lhes ficam próximas, como é o caso das duas maiores províncias africanas, outros dependerão do trânsito internacional, cuja evolução se condiciona por contigências políticas de previsão cada vez mais complexa e aleatória.

Angola e Moçambique têm visto os seus portos modernizar-se, mas deve atentar-se que o valor de tonelada exportada é bastante menor que o valor de tonelada importada, circunstância que reduz fretes de retorno, na melhor das hipóteses, com insatisfação, portanto, das empresas exploradoras de longo curso. A antevisão de pleno desenvolvimento daqueles territórios, em paralelo, pelo menos, com o do actual Portugal europeu, requer um aumento de tráfego portuário que se traduz, em números arredondados, para 30 milhões de toneladas por ano para Angola e 23 milhões, para Moçambique, nos valores de exportação, e 2 e 3,5 milhões de toneladas, respectivamente, nos valores da importação. As enormes potencialidades das duas grandes províncias permitem todavia calcular não ser difícil atingir aqueles níveis de rendimento portuário em prazo relativamente breve, deduzindo-se daí a necessidade imperiosa de planeamento para o gradual e adequado desenvolvimento de instalações, sem o que não viriam a servir, nem eles a ser servidos, pelos grandes interesses — a vida, afinal — dos povos que deles dependem. É tarefa em curso, legado e responsabilidade da nossa geração, que há-de transmitir à de amanhã o facho da corrida que não pára e antes se acelera: a corrida do progresso e desenvolvimento.

S. Machado

notícias pessoais

CASAMENTOS

746/71/2.º gr. S — Ferreira, casou em 4-7-71 com D. Maria de Fátima Galvão Marques Ferreira.

353/68/mar. C — Morgado, casou em 12-7-71 com D. Lígia Maria Lopes de Faria Morgado.

PASSAGENS À RESERVA:

4479/1.º sarg. ACM — José Cabrita, passou à Reserva Aa em 1-7-71.

407/c. A — José Candeias, passou à Reserva Aa em 1 7-71.

1609/1.º sarg. T — João Jacinto, passou à Reserva Aa em 2-7-71.

4476/1.º sarg. ACM — Ilídio Rosário, passou à Reserva Aa em 2-7-71.

3601/c. E — Vidal Alves, passou à Reserva Aa em 5-7-71.

3697/c. E — Ernesto Rosa, passou à Reserva Aa em 5-7-71.

754/1.º sarg. A — José Moreno, passou à Reserva Aa em 7-7-71.

2253/c. A — José Baptista, passou à Reserva Aa em 7-7-71.

1935/c. T — José Ricardo, passou à Reserva Aa em 5-7-71.

2887/c. T — José Pais de Sousa, passou à Reserva em 7-7-71.

4908/1.º sarg. ACM — Leonel dos Santos, passou à Reserva Aa em 7-7-71

734/1.º sarg. F — Luís Paiva, passou à Reserva Aa em 7-7-71.

1221/c. F — Serafim Dias Gago, passou à Reserva Aa em 15-7-71.

2277/c. A — Octávio Fernandes, passou à Reserva Aa em 15-7-71.

3290/c. TFH — Domingos Martins, passou à Reserva Aa em 15-7-71.

1097/c. T — Aníbal Rosa, passou à Reserva Aa em 16-7-71.

saibam todos

Que a designação fuzileiros navais é muitas vezes empregada com um significado incorrecto. Oficialmente existem fuzileiros e fuzileiros especiais (militares ou unidades). Claro que tanto uns como outros são fuzileiros da Armada ou fuzileiros navais.

Que os supermercados da Marinha funcionam sem qualquer lucro. Os produtos são adquiridos ao mais baixo preço que é possível obter e vendidos com a percentagem de aumento indispensável para suportar os encargos de funcionamento (pessoal contratado, transportes, etc.).

que, para efeitos de assistência, são considerados como família a cargo de beneficiários dos Serviços Sociais os parentes seguintes: esposa, filhos legítimos ou perfilhados, netos e avós do chefe da família ou seu cônjuge.

que, os Serviços Sociais concedem empréstimos aos beneficiários, através da Caixa Económica, com preferência para os de economia mais débil.

que, há instalações em Vila do Conde, S. Martinho do Porto e Oeiras onde funcionam colónias de férias para filhos de sargentos, praças e pessoal civil.

que, os pais e avós a cargo do pessoal militar e civil do quadro (seus ou dos seus cônjuges) são abrangidos pelas disposições do abono de família.

que, a CP concede aos militares um serviço especial, a preços reduzidos e em 2ª classe, válido para combóios normais de passageiros ou especiais com tal fim, quando circulem nos percursos de Lisboa para Abrantes, Tomar, Figueira, Fafe, Braga, Porto, Monção, Régua e vice-versa.

que, o serviço de assistência de Engenharia do Ministério do Exército, na calçada da Ajuda, Lisboa, efectua assistência a viaturas particulares dos militares e civis do Ministério, a preços inferiores aos das oficinas e estações civis.

que, na blusa branca o único distintivo de especialização que pode usar-se é o de submersíveis.

que, a classe dos artífices (AE) compreende 2 ramos: Artilharia (AEA) e Armas Submarinas (AES).

que, o quadro do activo das classes de fuzileiros e fogueiros-motoristas (as mais numerosas) inclui os efectivos seguintes:

Fuzileiros:

Sarg. ajudantes	12
Primeiro sargentos ...	101
Segundos sargentos ...	137
Cabos	270
Marinheiros	890
Primeiros-grumetes ...	1536
	2946

Fogueiros-motoristas:

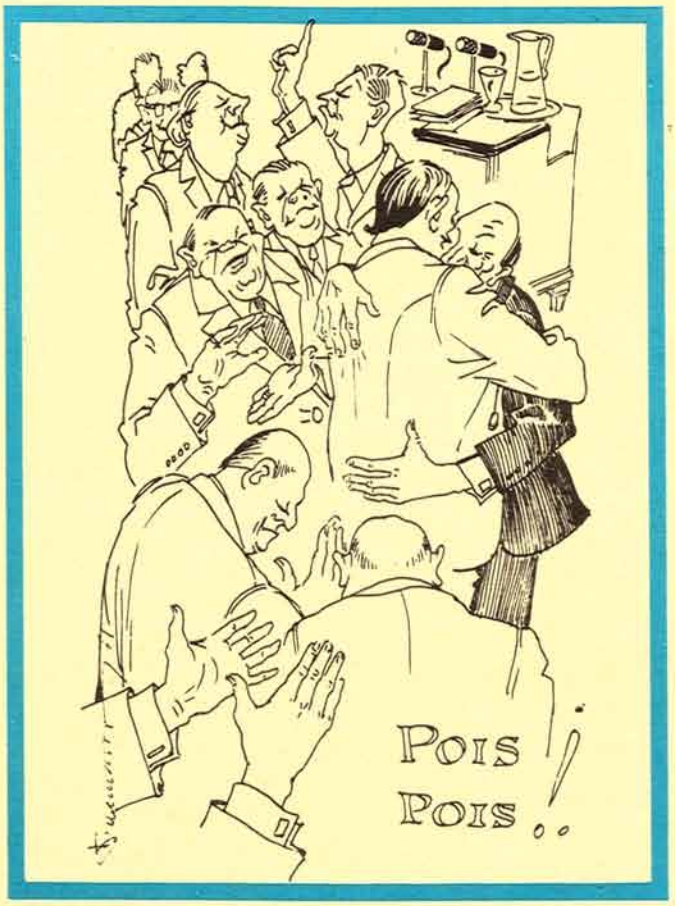
Sargentos ajudantes ...	7
Primeiros sargentos ...	68
Segundos sargentos ...	92
Cabos	260
Marinheiros	838
Primeiros-grumetes ...	575
	1840

O QUE PENSAVA DA MARINHA EL-REI D. CARLOS

- O oficial da Armada é um tipo «sui generis» na família militar.
- Têm um pavoroso receio do ridículo.
- São extremamente ciosos da sua corporação; jamais abdicam desse princípio.
- Tímidos em convívio estranho, são extremamente honestos e cumprem zelosamente a sua missão.
- Extremamente vaidosos no uniforme e nas tradições que a ele se ligam.
- Ter espírito naval é cumprir a missão sem alardes, e nisso dão exemplo severo entre si.
- Extremamente mordazes quando reunidos e se referem a outrem que não pertença à Armada.
- Não conheci até hoje (1901) nenhum que se tenha «cortado» em qualquer departamento.
- Não são monárquicos mas cumprem melhor no serviço do que muitos que afirmam sê-lo.
- Formam sempre em grupo separado quando há cumprimentos no Paço.
- Protegem o marujo até aos últimos extremos, mas quando este prevarica são inflexíveis nos castigos que aplicam.
- Não admitem interferências estranhas à Armada.
- O grau de aprumo do marujo corresponde ao zelo do oficial que o comanda, um é o espelho do outro.
- São exemplares na limpeza dos navios e no asseio das praças. Estas quando não têm que fazer — lavam-se.
- Não admitem que a alimentação das praças seja de má qualidade e quando tal sucede tornam-se solidários com elas. No verdadeiro sentido são no fundo condutores de homens, razão porque o marujo se bate bem.
- Sendo uma corporação mais pequena que o Exército, a sua manutenção é dispendiosa pela dispersão de meios a empregar nas diferentes missões de soberania no Ultramar, mas acalenta-nos o ânimo quando do esforço dispendido a missão se cumpre.

N. R. — Extraído de um caderno de 0,12 × 0,20 cm, com letra do Rei. Maço selado de papéis que vieram do Paço das Necessidades. À margem em diagonal, o título «Documentos confidenciais que pertenceram a Sua M. El-Rei».

pois pois, na medida em que...



É recente a história do «pois pois». Começou aqui há anos (talvez 20) com uma revista que esteve em cena no Parque Mayer. O «compère» terminava sempre as suas rábulas com um «pois pois», dito de maneira a pôr veneno na conversa — reparem que o «pois pois» dito de várias formas tem significados completamente diferentes.

O certo é que o «Zé» achou graça ao «pois pois», a moda pegou e não se ouvia outra coisa por esse país fora.

Se a mamã ralhava ao menino malcriado dizendo que não devia meter o dedo no nariz, era sabido que ele, mesmo arriscando-se a levar dois açoites, respondia: «pois pois»; se a senhora invectivava a criada por ter deixado esturrar o refogado... «pois pois», replicava ela sorrindo; se o professor, furibundo porque o aluno não dava uma para a caixa lhe fisgava uma orelha perguntando se percebia... «pois pois», resmungava ele muito vermelho, ciaro que percebia. O «pois pois» dava para tudo!

As «gentes bem» também achavam graça ao «pois pois», mas a expressão estava por demais popularizada para entrar no seu vocabulário. E então, adoptaram só o «pois».

Hoje o «Zé» já raramente emprega o «pois pois» porque foi adoptando outros «slogans», mas o «pois» da «gente bem», esse mantém-se e vai ganhando cada vez mais adeptos.

Modernamente apareceu, e esta não sei como, uma frase que combina maravilhosamente com o «pois» que é: «na medida em que».

Não há discurso, palestra, colóquio, seminário, mesa redonda, sessão solene ou simples brinde familiar, feito por «pessoa bem», ou com pretensões a isso, em que o «pois» e o «na medida em que» não figurem várias vezes.

Tornou-se assim fácil discursar. Homenagens, inaugurações, posses, almoçaradas, botas-abaixo, primeiras-pedras, chegadas e partidas... tudo leva o seu discursozinho. O «pois», o «na medida em que» conjugados com uma atitude física adequada garantem sucesso a qualquer «falante» que dele saiba tirar partido. Querem um exemplo?

Suponhamos que se trata de uma homenagem a um funcionário que deixa o serviço por ter atingido o limite de idade:

Minhas senhoras e meus senhores (dito isto faz-se uma pausa prolongada, tosse-se duas ou três vezes, olha-se para o tecto e baixa-se o olhar ràpidamente, levanta-se novamente o olhar até à horizontal, encara-se a assistência, faz-se novamente pausa curta e começa-se):

«Pois», estamos aqui reunidos... etc. «na medida em que»... etc...

Embora não haja pessoas insusbstituíveis «na medida em que», como dizia um filósofo inglês «os cemitérios da Inglaterra estão cheios de homens insubstituíveis, «pois»... etc. ...

(A certa altura, tanto o orador como o homenageado começam a estar comovidos, o primeiro com a emoção provocada pelas próprias palavras e o segundo, esse verdadeiramente, por ver que chegou ao fim e vai para a prateleira!)

E o discurso prossegue:

«Pois», é com a alma a sangrar, «na medida em que» ... etc. ... etc. ...

Vou terminar abraçando o Sr. F. (homenageado), «pois», «na medida em que»... «pois» etc. ... etc. ...

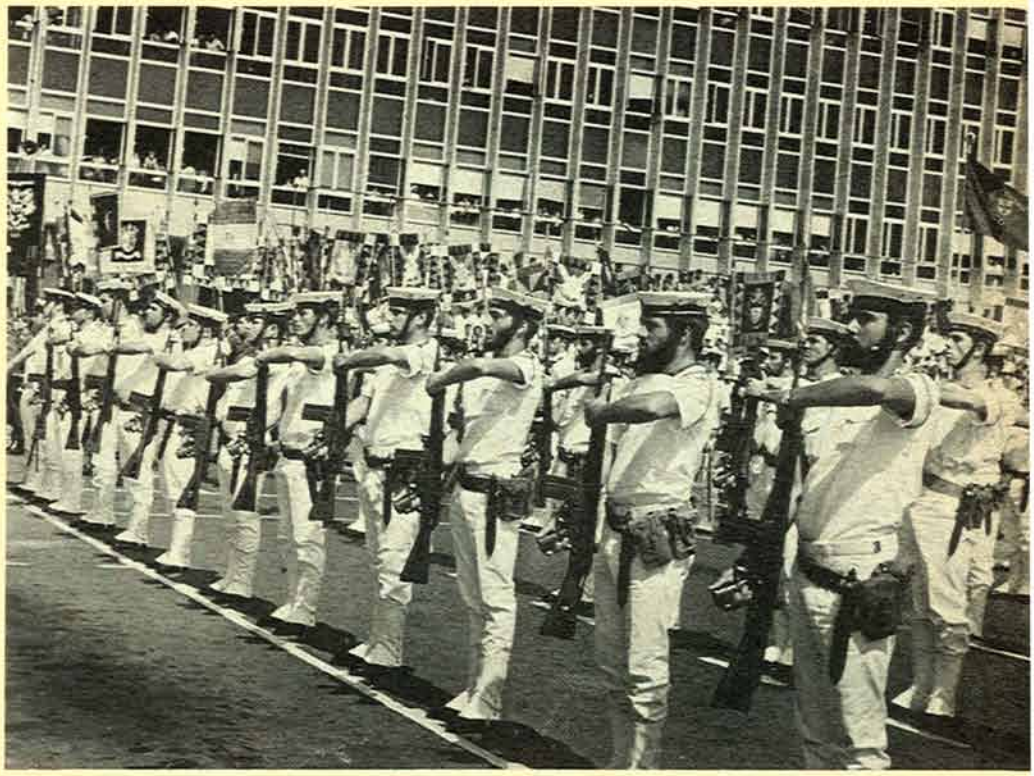
(Abraçam-se orador e homenageado, durante pelo menos um minuto, dando palmadinhas nas costas um do outro. Entretanto a assistência aplaude e o orador agradece com vários «muito obrigado», ditos entre os dentes. A cerimónia termina com os presentes em bicha a abraçar também o homenageado, repetindo as palmadinhas. À saída, muito satisfeitos por ter terminado a cerimónia, vão todos murmurando baixinho para ninguém ouvir: «pois... pois».)

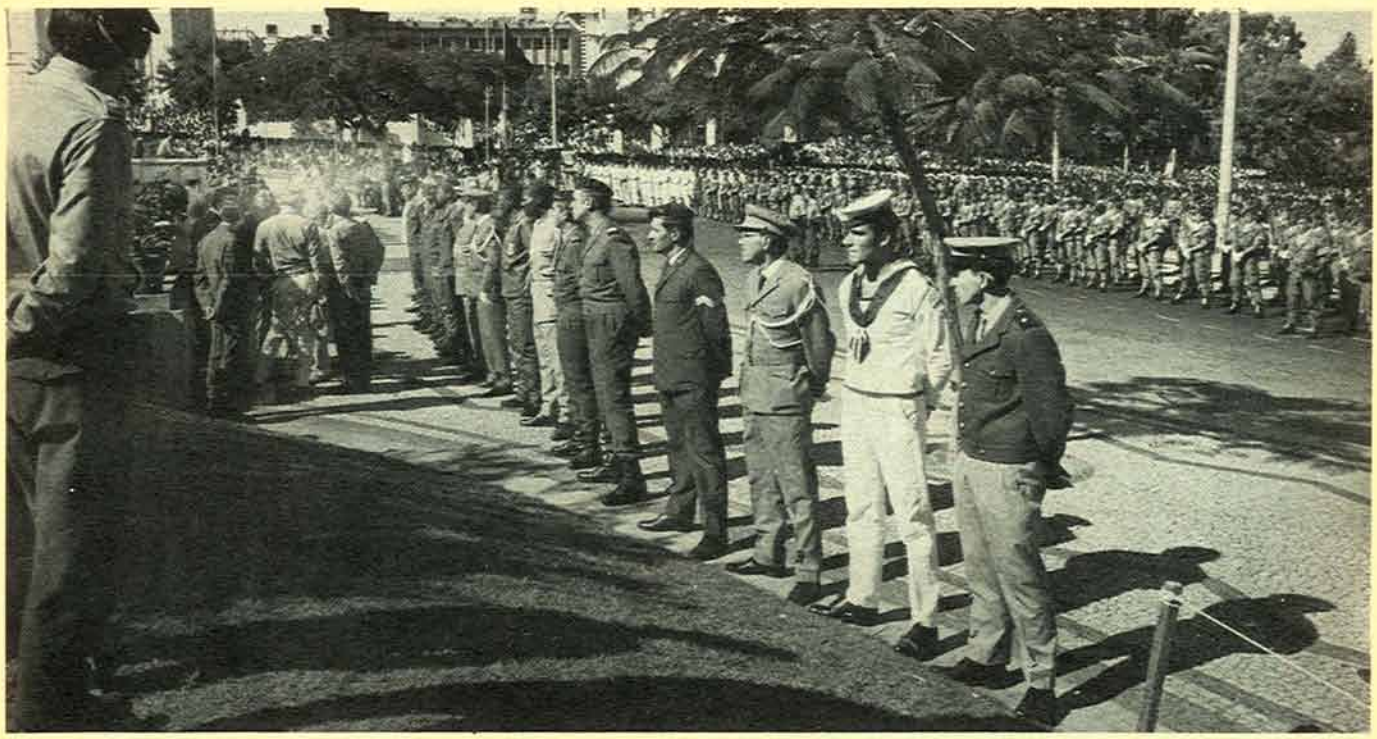
M. DO VALE

COMEMORAÇÃO DO DIA DE PORTUGAL EM ANGOLA

Para comemorar o DIA DE PORTUGAL realizou-se em Luanda, no Largo Diogo Cão, uma cerimónia pública de imposição de condecorações presidida pelo Governador Geral de Angola e com a presença das mais representativas entidades civis, eclesiásticas e militares desta Província, associações e organizações e numeroso público.

Entre as forças militares que tomaram parte na cerimónia e no desfile que se lhe seguiu contava-se a Companhia de Fuzileiros N.º 7, e na formação de estandartes e guiões, estavam incluídos o estandarte do Comando Naval de Angola e o da fragata «Comandante Roberto Ivens» e os guiões dos Destacamentos de Fuzileiros N.ºs. 1 e 6 e os das Companhias de Fuzileiros N.ºs. 4, 5, 6 e 7.





COMEMORAÇÃO DO DIA DE PORTUGAL EM MOÇAMBIQUE

No dia 10 de Junho, foi comemorado em toda a Província o DIA DE PORTUGAL. Às cerimónias em Lourenço Marques assistiram o Governador-Geral, Comandante-Chefe das Forças Armadas, Comandante da 3.ª Região Aérea, Comandante Naval e Comandante da Região Militar, além de outras altas entidades civis e militares, bem como o Arcebispo da Arquidiocese de Lourenço Marques.

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A VASCO DA GAMA

Com a presença do Governador-Geral de Angola, altas entidades civis e militares e do Almirante Comandante Naval de Angola foi inaugurada no Largo António Correia de Freitas junto à avenida marginal em Luanda, no passado mês de Maio, a estátua de Vasco da Gama.

Durante a cerimónia o capitão-de-fragata Teixeira da Mota proferiu, após o descerramento, uma alocução de elogio da figura e obra daquele grande navegador.

As honras militares foram prestadas por uma companhia com banda de música, da qual um dos pelotões era constituído por fuzileiros, outro por elementos do exército e o terceiro por pára-quedistas.

JURAMENTO DE BANDEIRA NO GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA

Sob a presidência do Chefe do Estado Maior da Armada, juraram bandeira em Vila Franca de Xira, 800 recrutas voluntários e alunos do curso de alistamento da taifa, constituindo a 2.ª incorporação de 1971.

Lida uma alocução pelo Director dos Cursos de Instrução de Recrutas, seguiu-se a distribuição de prémios aos alunos mais classificados, após o que foi proferida a fórmula do juramento de bandeira, repetida pelos 800 recrutas em parada.

O Batalhão Escolar desfilou perante as entidades presentes e os alunos realizaram depois exercícios de luta de ataque e defesa, demonstrações de preparação física e manejo de armas.

CONJUNTO MUSICAL «OS NÁUTICOS»

Este conjunto, constituído por elementos da Armada, conforme já é do conhecimento de toda a Corporação, depois de ter actuado para as Forças Armadas da Guiné e Cabo Verde, acaba de realizar nova digressão pelas Províncias Ultramarinas de Angola e Moçambique.

Pelas notícias chegadas á nossa Redacção, não só agradou plenamente a todos os militares que tiveram ocasião de presenciar as suas actuações, mas ainda conseguiu impor-se pelo seu elevado nível artístico.

Os jornais de Luanda, no festival que teve lugar no Cinema «Avis» da capital de Angola, em que participaram outros conjuntos, são unânimes em tecer-lhe os maiores elogios. A assistência àquele espectáculo, que foi um autêntico festival de música moderna, constituída por jovens, aplaudiu de pé «Os Náuticos», insistindo em não os deixar sair do palco.

Em um dos jornais diários de Luanda lê-se o seguinte:

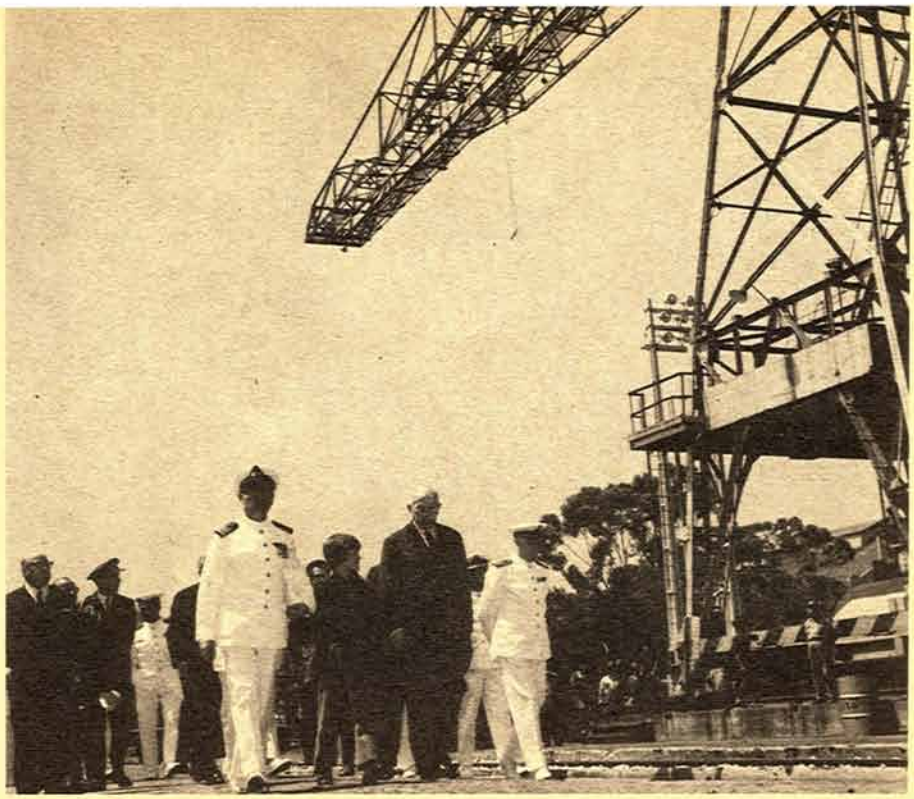
«Raros terão sido os conjuntos metropolitanos que tenham conseguido guindar-se a um tão alto nível e que tenham conquistado tão prolongados aplausos na gente de Luanda...

Bem haja a Marinha de Guerra por esta embaixada».

INAUGURAÇÃO DO SUPERMERCADO DA MARINHA

O Ministro da Marinha inaugurou no dia 16 de Junho, no Alfeite, as instalações do Supermercado da Marinha que constituem a Secção Comercial N.º 3 da Fábrica Nacional de Cordoaria e que se destinam a apoiar as famílias dos oficiais, sargentos e praças residentes na margem sul do Tejo, bem como os operários do Arsenal do Alfeite e os militares dos outros ramos das Forças Armadas.

VISITA DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA AO ARSENAL DO ALFEITE



Sua Excelência o Presidente da República visitou no dia 17 de Junho o Arsenal do Alfeite, onde foi recebido pelo Ministro da Marinha, Chefe do Estado Maior da Armada, Comandante Naval do Continente, Comandante da Base Naval de Lisboa, outros oficiais da Armada e membros da Administracção e Direcção daquele estabelecimento fabril.

Após esclarecimentos prestados pelo Administrador, engenheiro Caldeira Silva, acerca da actividade, projectos e problemas do Arsenal, o Sr. Almirante Américo Thomaz percorreu diversas instalações e oficinas observando trabalhos dos operários e aprendizes tendo almoçado nas instalações.

INAUGURAÇÃO NA LISNAVE DA MAIOR DOCA SECA DO MUNDO

No dia 23 de Junho, com a presença de Sua Excelência o Presidente da República, Presidente da Câmara Corporativa, Procurador-Geral da República, vários membros do Governo, e mais de duas mil pessoas, foi inaugurada nos estaleiros da Lisnave, na Margueira, a maior doca seca de reparações navais existente no Mundo — um milhão de toneladas de capacidade. O empreendimento que recebeu o nome do antigo industrial Alfredo da Silva cujo centenário de nascimento agora passa, coloca o porto de Lisboa na vanguarda da reparação e assistência aos navios petroleiros e mineraleiros cujas principais rotas se situam nas vizinhanças do nosso porto.

CONFERÊNCIA DO PROF. HERNÂNI CIDADE NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

Subordinada ao tema «O mar na génese e expansão, na defesa e ilustração de Portugal», o prof. Hernâni Cidade proferiu no Centro de Estudos de Marinha uma conferência em que pôs em destaque a acção exercida pelo mar na formação da população lusitana, na sua evolução e expansão e na acção pelos portugueses desempenhada na integração de várias raças e povos na cultura europeia.

PRÉMIO GOVERNADOR DA GUINÉ

No uso da licença que este prémio confere, veio à Metrópole no passado mês de Junho o mar.º FZE n.º 1159/65 José Manuel Teixeira, do Destacamento n.º 12 de Fuzileiros Especiais a quem o Ministro da Marinha recebeu em audiência no seu Gabinete.

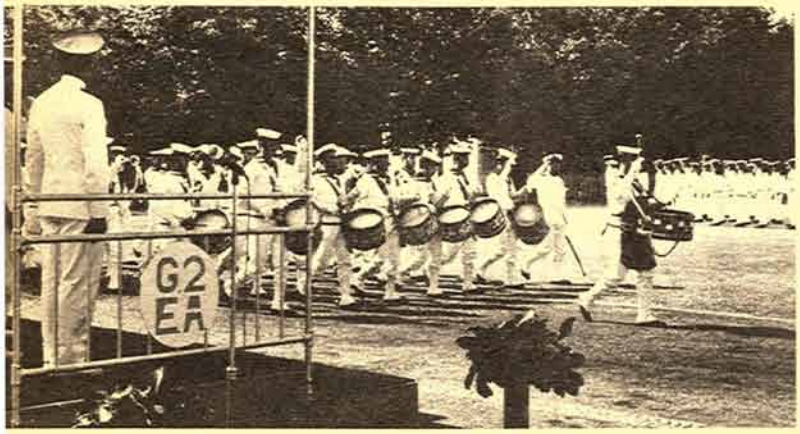
Na presença do Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, Comandante da Força de Fuzileiros do Continente e de outros oficiais, o Ministro da Marinha felicitou o marinheiro Teixeira pela brilhante actuação demonstrada em combate na Província da Guiné, desejando-lhe a continuação de uma boa comissão e fazendo-lhe entrega de algumas ofertas pessoais.

INAUGURAÇÃO DE CARREIRAS COM «OVERCRAFT» ENTRE SETÚBAL E TRÓIA

Com a assistência de Sua Excelência o Presidente da República, ministros e várias entidades oficiais, realizou-se no dia 7 de Julho a inauguração das carreiras em epígrafe com o «overcraft» TORRALTA. Dentro de um ano serão adquiridos mais dois. São navios que transportam 65 passageiros à velocidade de 30/35 nós, equipados com dois motores de 325 C. V. e um motor de compressor de ar de 150 C. V. Como se sabe estes navios navegam sobre uma almofada de ar.

Este é o primeiro navio do género existente em Portugal Continental. Em Macau já existem desde 1964, fazendo carreiras entre aquela cidade e Hong Kong.

COMEMORAÇÕES DO DIA DA MARINHA



No passado dia 8 de Julho, comemorou-se, com a realização de várias cerimónias, o Dia da Marinha.

Além do embandeiramento em arco dos navios das Marinhas de Guerra, Comércio, Pesca e Recreio, foram também embandeirados os estabelecimentos dependentes do Ministério da Marinha.

Várias cerimónias de imposição de condecorações se registaram neste dia: na Escola Naval, Grupos N.ºs. 1 e 2 de Escolas da Armada e Escola de Fuzileiros, Museu de Marinha, Gabinete do Chefe do Estado Maior da Armada e Gabinete do Ministro da Marinha.

As condecorações distribuídas foram as medalhas de Mérito Militar, Comportamento Exemplar, de Socorros a Náufragos e Medalha Naval de Vasco da Gama, tendo sido agraciados não só oficiais, sargentos e praças, como elementos civis das Marinhas de Comércio, Pesca e Recreio, componentes da Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama, Corporações de Bombeiros e outras individualidades.

Também foram entregues a alunos da Escola Náutica, vários prémios instituídos para distinguir os que mais se destacaram nos seus cursos.

O Ministro da Marinha visitou no Hospital da Marinha os feridos e acidentados em campanha.

Durante a tarde do dia 8 disputaram-se em Belém regatas de vela para vários tipos de embarcações e, no Palácio Foz, foi inaugurado por Sua Excelência o Presidente da República o III Salão Internacional de Fotografia do Mar, organizado pela Federação Portuguesa de Actividades Submarinas.

Os navios de guerra surtos no Tejo efectuaram ao meio-dia uma salva de 21 tiros e à noite, iluminaram de gala vários estabelecimentos de Marinha bem como unidades das Marinhas de Guerra, Comércio, Pesca e Recreio.

REGRESSO DO DESTACAMENTO N.º 3 DE FUZILEIROS

No passado mês de Julho regressou da Guiné o Destacamento N.º 3 de Fuzileiros Especiais que naquela Província cumpriu a sua comissão de serviço.

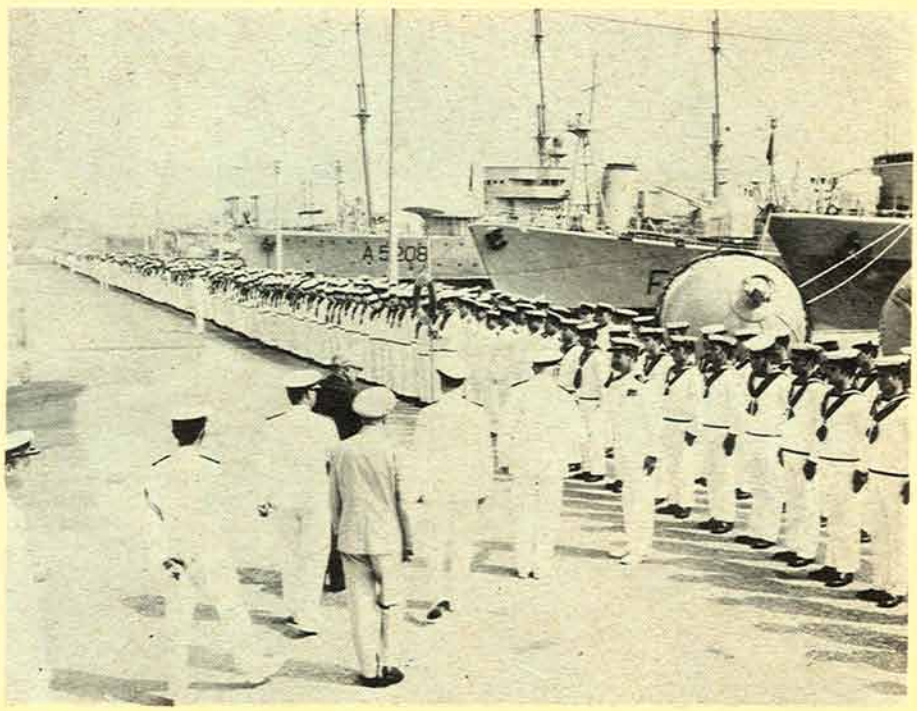
Sob o comando do 1.º tenente Silva Dias, aquela Unidade desenvolveu intensa actividade operacional, especialmente no campo da contrapenetração nos Rios Grande de Buba e Cacheu.

Apresentou cumprimentos de boas-vindas a esta Unidade em nome do Ministro da Marinha e do Chefe do Estado-Maior da Armada o Capitão-de-mar-e-guerra Limpo Toscano.

VISITA DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA AO COMANDO NAVAL DO CONTINENTE

No passado dia 15 de Julho, Sua Excelência o Presidente da República visitou no Alfeite várias instalações do Comando Naval do Continente e o Supermercado da Marinha instalado na margem Sul.

O Chefe do Estado que foi acompanhado durante a sua visita pelo Ministro da Marinha, Chefe do Estado Maior da Armada, Comandante Naval do Continente e Comandante da Base Naval de Lisboa, percorreu várias instalações do Comando Naval do Continente entre elas o centro de comunicações e a divisão de operações, após o que teve oportunidade de passar revista às guarnições dos navios estacionados na Base.



Seguidamente o Almirante Américo Thomaz visitou, na Base, a biblioteca, messe dos sargentos, refeitórios de praças e civis e outras instalações, assim como o edifício onde funciona o Supermercado da Marinha, tendo almoçado com as entidades presentes no Palácio do Alfeite.

REGRESSO DA COMPANHIA N.º 1 DE FUZILEIROS

A bordo do «Império» regressou de comissão em Moçambique a Companhia n.º 1 de Fuzileiros. Tendo actuado sob o comando do Capitão-Tenente Dias Costa na área de Lourenço Marques e na zona do Lago Niassa, coube a esta unidade a realização de tarefas de protecção, segurança, defesa de complexos navais e protecção de colunas logísticas.

A apresentar boas-vindas aos elementos desta Companhia em nome do Ministro da Marinha e do Chefe do Estado Maior da Armada deslocou-se a bordo o Capitão-de-mar-e-guerra Ventura da Cruz.

VIAGEM DE INSTRUÇÃO DE ASPIRANTES A BORDO DA FRAGATA «COMANDANTE SACADURA CABRAL»

A fragata «Comandante Sacadura Cabral», sob o comando do capitão-de-fragata Benvindo da Fonseca, largou no passado dia 12 de Julho em viagem de instrução de 46 aspirantes do curso de «D. Manuel I».

Além da realização de exercícios de artilharia e de luta anti-submarina ao largo da costa, os aspirantes visitarão os portos do Funchal, S. Maria, Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, Flores, Horta, Vigo, Ferrol, Brest e Cherburgo, estando previsto o regresso para fins de Agosto.

No Ferrol e em Cherburgo estão programadas visitas dos aspirantes aos respectivos estabelecimentos de ensino naval que ali funcionam.

CHEGADA DE UMA NOVA CORVETA

No dia 12 de Julho chegou a Lisboa a corveta «ANTÓNIO ENES», recentemente entregue à Armada.

Do comando do Capitão-tenente Moreira Rato, esta unidade que foi construída nos estaleiros da Empresa Bazan de Construções Navais Militares em Espanha constitui a última de um grupo de três encomendado pelo nosso país àquela empresa.

voz da abita

Com muito agrado começámos a receber dos nossos leitores apreciações acerca do 1.º número da nossa Revista.

Achando ser de interesse a sua divulgação, transcrevemos extractos de algumas delas:

De 8041/71/2.º gr. E -RM-

«E. R. N. de Algés; 15-7-71

«Aproveitando um fim de semana passado aqui na unidade foi com a maior atenção que pude apreciar o n.º 1 da «nossa» Revista, e desde já, me considero um leitor entusiástico que aguarda os números seguintes, e ao mesmo tempo respondendo ao apêlo de colaboração, responde: — Presente!»

N. R. — Do signatário desta carta, recebeu-se colaboração (2 problemas) que é publicada neste número.

De 56/68/1.º gr. E — Júlio M. S. Godinho:

«Recebeu-se um desenho que não pode ser publicado por não estar feito a tinta.»

De 944/70/gr. C — Carlos M. R. Ferreira:

«Sagres, 18-7-71

«Foi com muito agrado que li o vosso primeiro número, o qual me mostrou muitas coisas de relevo acerca da Armada.

«Acho muito interessante esta publicação, no aspecto monetário, no tamanho, etc..

«Interessantes também são os seus artigos, os quais eu manifesto o meu desejo de sempre progredirem.

«Quero ainda saudar todos quantos trabalham em tão laboriosa e ansiada publicação, que já era tempo de aparecer nos nossos meios.»

De 3206/c. TFH — Júlio Mateus:

«Faro, 23-7-71

«Muitos marinheiros que passam pelo porto do Funchal, não se apercebem que, lá em cima naquele Castelo, por cima da bonita cidade existe uma estação Radionaval que, de dia e noite, presta serviço à navegação.

«Foi ali que prestei serviço como cozinheiro.

Era por vezes aliviado no meu serviço por um grumete da reserva chamado Manuel Joaquim de Araújo, «O Ilheu»

«Contava-me ele com orgulho, que era grande amigo do Senhor Presidente da República, Senhor Almirante Américo Thomaz; e mais tarde provou que o era de facto. Prestei serviço na Majoria, dizia ele, e o Senhor Presidente era nessa altura Chefe do Gabinete do Senhor Ministro;

«Os jornais e a rádio noticiaram a ida à Madeira do Senhor Presidente da República, Senhor Almirante Américo Thomaz; foram nomeados alguns marinheiros para em conjunto com outros da Capitânia fazerem parte da Força de Desembarque; mas o nosso Araújo não foi nomeado e isso foi a pior desfeita que o Chefe do Estação lhe poderia ter feito.

«Procedia-se às boas-vindas no palácio do Senhor Governador, era difícil passar mas ele conseguiu-o.

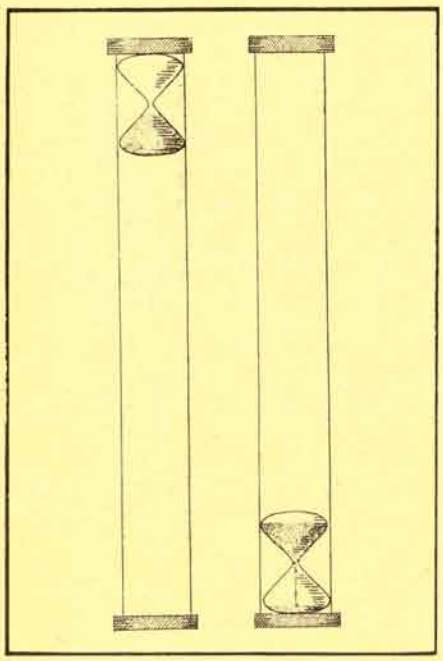
Mandou recado ao Senhor Presidente que desejava falar-lhe, era o «Ilhéu». Avançou, um grande abraço e um sorriso do Senhor Presidente, e o nosso Araújo era um homem feliz.»

quarto de folga

PROBLEMAS PARA ENTRETER

A série de problemas, com aspecto de charada, que a seguir se apresenta, foi tirada do número de Agosto de 1966 de SCIENTIFIC AMERICAN e recolhida por Martins Gardner. Como não exigem grandes conhecimentos de física ou matemática, vamos apresentá-la durante alguns números, dando a resposta em cada número seguinte.

1.º

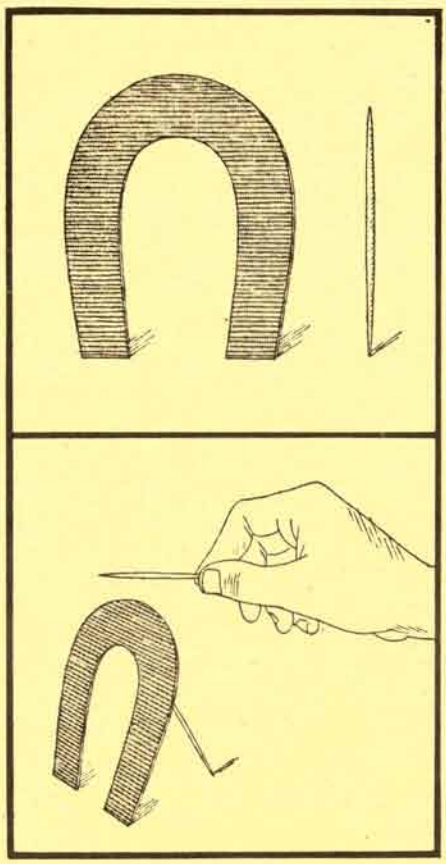


Vendia-se em Paris um brinquedo constituído por um cilindro de vidro cheio de água contendo uma ampulheta flutuante. O conjunto tem o aspecto indicado no desenho da esquerda na figura junta. Quando se inverte o cilindro, como acontece no desenho da direita, acontece uma coisa curiosa — a ampulheta fica no fundo durante um bocado, e, quando uma certa quantidade de areia passar do flutuador de cima para o de baixo, começa a subir lentamente até ao cimo. À primeira vista, parece ser impossível que a transferência de areia do depósito superior da ampulheta para o inferior seja causa de um aumento de flutuabilidade. Pode explicar a razão de ser do comportamento do brinquedo?

2.º

Aquecendo um disco de ferro com a forma de um biscoito, o diâmetro do buraco interior aumentará ou diminuirá?

3.º



Numa folha de cartão fino recorte uma figura em forma de ferradura que seja um nada mais comprida que um palito. (Veja a figura junta). Incline a ferradura de cartão e o palito de modo a apoiarem-se mùtuamente sobre uma toalha ou pano, numa mesa. (O pano é necessário para o conjunto não escorregar). O problema agora é levantar, com outro palito, o conjunto ferradura-palito de apoio. Não pode tocar no cartão ou no palito de apoio com outra coisa que não seja o palito que tem na mão. Ambos têm de ser erguidos e suspensos, em conjunto, sobre a mesa. Como se consegue isso?

4.º

Certo columbófilo que transportava pombos numa camioneta fechada, parou antes de entrar numa ponte que oferecia, à vista, muito pouca confiança. Começou então a bater com violência na parte posterior e partes laterais do compartimento onde seguiam os pombos.

Um curioso que passava perguntou-lhe a razão de ser daquela actividade esquisita. O outro respondeu-lhe: «Sabe? Levo aqui 200 pombos e, como pode calcular, ainda pesam o seu bocado...

A ponte parece-me pouco segura e pelo sim pelo não, prefiro atravessá-la com eles a voar. É para isso que os estou a assustar.»

Partindo do princípio de que o compartimento é fechado, podem dizer se o columbófilo raciocinava correctamente ou não?

O. Lemos

A menina importava-se de andar um bocadinho mais depressa, que eu já vou atrasado para a embarcação?

PROBLEMA N.º 1

Um dia, um sujeito arrumou o seu automóvel à sombra de uma árvore e dirigiu-se a uma casa próxima a fim de efectuar uma visita de negócios. Mal acabava de sair do carro quando um enorme cão lhe saltou em cima. Felizmente o animal estava amarrado à árvore e o sujeito pôde fugir. Como não encontrou ninguém em casa, regressou ao carro. O cão voltou-se novamente contra ele. A corrente era comprida e o automóvel estava colocado em tal posição que o animal podia alcançar fàcilmente ambas as portas. Alguém será capaz de adivinhar como é que o sujeito conseguiu entrar no carro sem que o cão lhe tocasse?

F. Fonseca

(Solução na pág. n.º 34)

PROBLEMA N.º 2

Algures em África, um fuzileiro acorda na caserna escura em pleno mato e não tem qualquer luz à mão.
Na sua mochila tem seis meias pretas e seis meias brancas todas misturadas, e quer escolher um par igual.
Qual será o menor número de meias que deverá tirar da mochila, até conseguir obter um par da mesma cor?

F. Fonseca

(Solução na pág. n.º 34)

TERRA À VISTA — *Desenho do Comandante Augusto Soares de Oliveira*

FÁBULA DA FORMIGA MILITAR

Alucinado pelas dificuldades burocráticas, o médico-inspector de uma base aérea da Geórgia sentou-se a escrever a seguinte nota ao oficial do hospital da zona encarregado de fornecer material sanitário:
«Depois de informados telefònicamente, por esse Serviço, de que não poderiam fornecer-nos bissulfureto de carbono para combater as formigas, dirigimos um pedido ao Quartel-Mestre do Exército. Fomos por ele informados de que o referido preparado só nos poderia ser fornecido para combater as formigas **dentro** do edifício pròpriamente dito; tratando-se de extermínio de formigas **fora** do edifício, só o serviço de Engenharia poderia fornecer o referido produto. Ora, torna-se difícil determinar com exactidão quais as intenções das formigas que estamos procurando destruir, pois algu-

mas delas habitam no edifício e vagueiam por lá por fora em busca de sustento, enquanto outras habitam no exterior e vêm procurar alimento debaixo de telha.

É um problema complicado o de determinar quais as formigas que vêm de fora (afectas portanto ao Serviço de Engenharia) e quais as que saem do edifício – afectas que estão, estas, ao Quartel-Mestre do Exército.

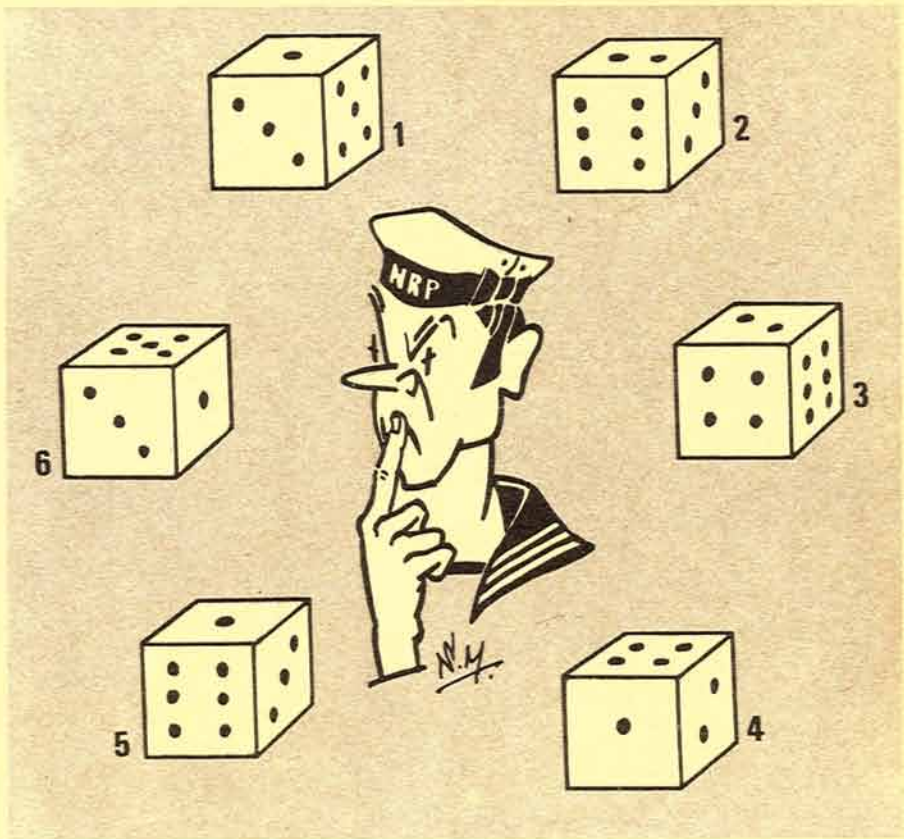
Algumas das nossas formigas parecem mesmo andar às voltas; outras, ao que se nos afigura, deambulam perfeitamente ao acaso, em trajectórias delirantes.

As tácticas das formigas são, pois das mais confusas, e tudo isto poderia dar em resultado enganos lamentáveis: uma formiga do Quartel-Mestre exterminada pelo veneno do Serviço de Engenharia, ou uma formiga do Serviço de Engenharia vitimada pelo veneno do Quartel-Mestre, etc., – coisas estas contrárias à letra dos regulamentos e que levariam, provàvelmente, a minuciosas e demoradas investigações, e a compridas notas de explicação.

Em vista do exposto, e, de se ter verificado, que o veneno do Quartel-Mestre deixa uma formiga em tão perfeito estado de óbito como o veneno do Serviço de Engenharia, e vice-versa, venho por este meio requerer que essa digna Repartição obtenha venenos idênticos do Serviço de Engenharia e do Quartel-Mestre para fornecimento a este Serviço e os misture convenientemente em partes iguais de modo a não ser mais possível saber-se quais dos dois venenos, ou dos ramos militares, é que matou a formiga.»

CONCURSO N.º 2

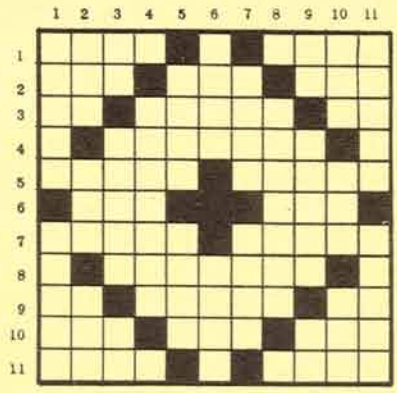
Sorteio de um prémio entre as respostas certas



Um destes 6 dados não está correctamente desenhado. Qual é?

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo n.º 2)



Horizontais: 1 – Profeta; erra. 2 – Data; óxido de cálcio; maior. 3 – Nota musical; remunerações; brinca. 4 – Silenciosas. 5 – Data; ermida fora do povoado. 6 – Lado de onde sopra o vento; decâmetro quadrado. 7 – Aparece; cabo de guerra antigo. 8 – Auxiliavas. 9 – Estás; mulheres (fig.); consoante dobrada. 10 – Miserável; chefe abexim; colocar. 11 – Deus do Amor; consonância de sílabas no final dos versos.

Verticais: 1 – Vestuário; que dura pouco. 2 – Nome de homem; parceiro; senhor (ingl.). 3 – Basta; regaços; tecido fino. 4 – Embrulhos. 5 – Corda de esparto para arrastar redes; navegar. 6 – Onda grande; caminhos. 7 – Flanco; camareiras. 8 – Curadas. 9 – Preposição; nome de mulher (pl.); letra grega. 10 – Colorio; ofereci; caritativo. 11 – Seca; moeda de ouro.

(Solução na pág. n.º 34)

PROBLEMA DE BRIDGE

NORTE *SUL*

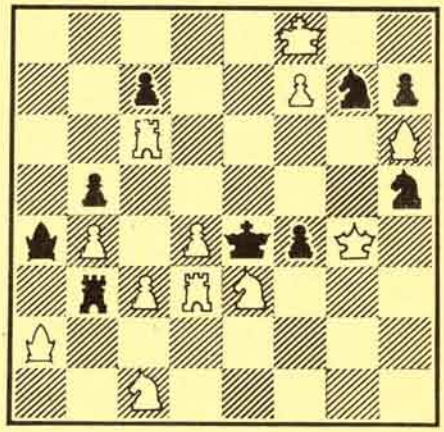
♠ D 7 5 ♠ A R 9 8 4 3 2
♡ 8 ♡ D 3
◇ A D 10 9 7 ◇ R V 5
♣ A R 10 6 ♣ 3

Não está ninguém vulnerável. As declarações foram as seguin-tes:

OESTE	*NORTE*	*LESTE*	*SUL*
4 Copas	Passo	Passo	4 Espadas
Passo	6 Espadas	Passo	Passo
	Passo		

Oeste ataca com Ás de copas e Leste joga o Rei. A jogada seguinte começa com o Valete de copas, e o Sul, para evitar o recorte do Leste, joga a Dama de Trunfo do Norte. Para surpresa sua, o Leste joga o 5 de copas. Como continuaria o jogo?

PROBLEMA DE XADREZ



As brancas matam em dois lances.

FÁBRICA NACIONAL DE CORDOARIA

SECÇÕES DE:

Talho / Peixaria / Charcutaria / Produtos alimentares diversos / Perfumaria / Papelaria Brinquedos / Prendas / Utilidades / Pronto a Vestir e Confecções para Homens, Senhoras e Crianças / Artigos para uniformes / Artigos electrodomésticos / Móveis / Bar.

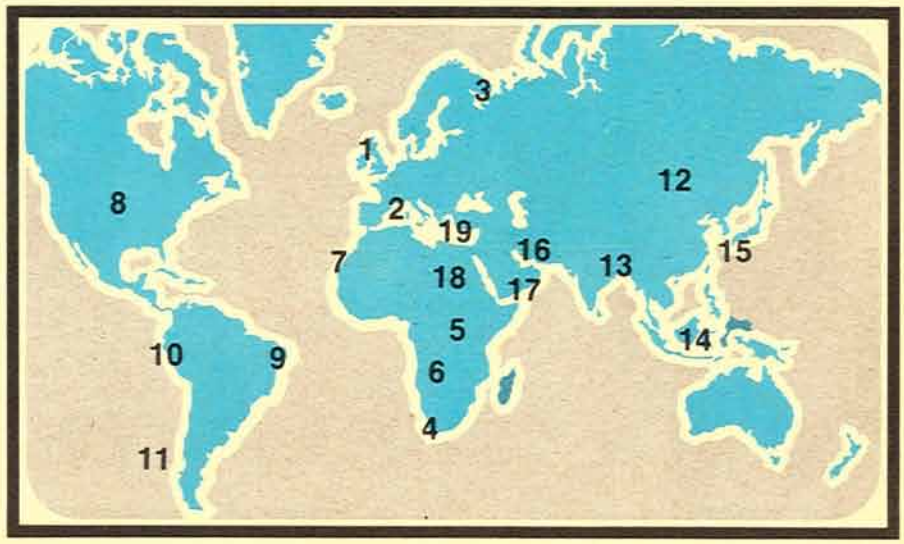
SECÇÕES COMERCIAIS:

N.º 1 – Edifício do Ministério da Marinha
N.º 2 – Edifício da Fábrica Nacional de Cordoaria
N.º 3 – Edifício próprio – Alfeite

No Supermercado do Alfeite existe uma Secção onde poderão ser postos à venda quaisquer artigos desnecessários aos seus donos, mediante uma comissão de 6%

No Supermercado do Alfeite está em construção uma Farmácia e um Restaurante

no mundo aconteceu



NA EUROPA

1 — *IRLANDA DO NORTE*

Vem aumentando a tensão nesta província da Grã-Bretanha, tendo o IRA (exército republicano irlandês), organização clandestina, intensificado as acções terroristas contra civis e as forças militares inglesas e anunciado a formação dum governo provisório do Ulster (nome também dado ao território da Irlanda do Norte).

2 — *FRANÇA*

Vários intelectuais apelam para o presidente Pompidou com vista ao desmantelamento do armamento nuclear da França, que consideram uma «política absurda e escandalosa».

3 — *UNIÃO SOVIÉTICA*

Durante o seu regresso à Terra, morreram na nave *Soyuz-11* os astronautas que haviam efectuado com êxito uma longa missão à estação orbital soviética *Salyut*.

NA ÁFRICA

4 — *ÁFRICA DO SUL*

Realizou uma visita oficial a este país o presidente do Malawi, Dr. Banda, que é partidário, contra a opinião da maioria dos países negros, da abertura de diálogo entre estes países e a rica república ao sul do continente. É a primeira vez que um chefe de Estado negro visita a África do Sul, onde foi recebido festivamente.

Faleceu o recente operado pelo Dr. Barnard, a quem havia transplantado o coração e os pulmões.

5 — *SUDÃO*

Vários fuzilamentos e dois enforcamentos, além de cerca de 2000 prisões, foram o resultado imediato do malogrado golpe de estado contra o governo do general Nimeiry.

6 — *CONGO (KINSHASA)*

O Governo do general Mobutu chamou o seu embaixador em Brazzaville (Congo-Brazza) e declarou «persona non grata» (indesejável) o embaixador deste país acreditado no seu.

7 — *MARROCOS*

Malogrou-se um golpe de estado que tinha por fim instaurar uma república neste reino árabe.

NA AMÉRICA

8 — *ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA*

Em Washington, o presidente Nixon anunciou que a moeda norte-americana (dólar), continuando embora a valer 1/35 de onça de ouro, deixava de poder ser convertida, tornando-se uma divisa cujo câmbio flutuará, à semelhança do que já sucedia com as moedas da Alemanha Federal (marco), da Holanda (florim) e do Canadá (dólar canadiano). Significa isto que os E.U.A. deixam de ser obrigados a comprar ou vender ouro aos países estrangeiros ao preço de 35 dólares a onça, dependendo este da oferta e da procura de ocasião. Desta maneira, as moedas dos restantes países do bloco ocidental tornaram-se também flutuantes, havendo necessidade de criar novas bases do alterado sistema monetário internacional por negociações entre as grandes potências financeiras, que se prevêem morosas e muito complexas.

Regressaram do seu voo tripulado ao satélite natural da Terra os astronautas da missão Apolo-15, que o realizaram com êxito.

9 — *BRASIL*

O governo do general Médici alargou os limites das águas territoriais brasileiras para 200 milhas, para protecção das riquezas da

plataforma continental em petróleo e sal-gema.

10 – *PERÚ*

O Governo de Lima ameaçou cortar as relações com a França se esta persistir em efectuar experiências nucleares no Pacífico.

11 – *CHILE*

O vulcão Hudson, a cerca de 1500 km da capital (Santiago) tornou catastrófica a situação na província de Alsen.

NA ÁSIA

12 – *CHINA*

Na sequência da «política do pingue pongue» (nome com que a imprensa baptizou o degelo das relações entre os Estados Unidos da América e a República Popular da China, iniciado com a visita duma equipa desportiva norte-americana à China), o Governo de Pequim convidou o presidente dos E. U. A., R. Nixon, a visitar o país, o que foi aceite, devendo fazê-lo em Outubro ou Novembro do corrente ano.

13 – *PAQUISTÃO*

Continua a afirmar-se em certos meios, fora deste país, que terá havido crimes contra as populações bengalis no Paquistão Oriental por parte do exército paquistanês quando a este foi recentemente ordenada a repressão da revolta naquela província, a qual tinha por finalidade proclamar a independência, separando-a da província ocidental.

14 – *VIETNAM DO SUL*

Prosseguem os grandes combates entre norte-vietnamitas e sul-vietnamitas, que têm tido lugar no Norte do país, enquanto os bombardeiros norte-americanos atacam as posições da defesa anti-aérea dos norte-vietnamitas, numa guerra esgotante que assola há muitos anos esta região do mundo.

15 – *FORMOSA*

Nesta ilha asiática, onde os norte-americanos e os chineses de Chang Kai-Chek criaram há 25 anos esta região do mundo.
Pequim provocou na Capital (Taipé) vários protestos oficiais, porquanto ali se receia que o reconhecimento da China Popular e a sua administração nas Nações Unidas venham a provocar a expulsão da Formosa deste organismo internacional. Aliás, a China Popular já anunciou que não fará parte duma O. N. U. onde tenha assento a Formosa, considerando que só o Governo de Pequim representa o povo chinês. Mas é provável que acabe por se chegar a um acordo, através do qual a Formosa venha a constituir uma província tónoma da China, com representação nas Nações Unidas, ou solução semelhante.

16 – *PÉRSIA*

O Governo anunciou a próxima troca de embaixadores com a China Popular, facto a que não deve ser estranha a influência da recente visita efectuada a Pequim por uma irmã do imperador persa.

NO MÉDIO ORIENTE

17 – *BAHREIN*

Nesta ilha do golfo Pérsico, muito rica em petróleo, foi criado o Estado de Bahrein, cujo chefe é o emir Ali-Khelifa, tendo cessado a dependência militar e política que tinha da Inglaterra há cerca de um século.

18 – *JORDÂNIA*

Neste reino árabe, onde tem havido com frequência recontros entre tropas do Governo e os guerrilheiros palestinianos aquartelados no país, a situação apresenta-se instável para o rei Hussein, que, tendo sofrido nos últimos anos alguns atentados contra a sua vida e suportado no território nacional a invasão israelita, vem sendo isolado por certos países árabes, dada a repressão sangrenta da organização pelos guerrilheiros.

19 – *SÍRIA*

Reuniram-se na capital (Damasco) os chefes de Estado do Egipto (Sadat), da Líbia (Ghadafi) e Síria (Al Assad), com vista à projectada constituição da Federação de Repúblicas Árabes.

UM CANDIDATO A OFICIAL DA MARINHA NÃO TEM DE PASSAR OBRIGATÓRIAMENTE PELA ESCOLA NAVAL

Não é só através da Escola Naval que na Armada se atinge a posição de oficial. De facto, até se pode afirmar que, potencialmente, a todos os indivíduos que nela ingressam como praças ou sargentos são atribuídas condições para durante a sua carreira constantemente se valorizem, podendo deste modo ascender sucessivamente a postos mais elevados.

Destas condições, figura como mais importante aquela que permite a frequência do Curso de Formação de Oficiais do Serviço Especial (conhecido pelas respectivas iniciais: CFOSE), com vista à formação de oficiais do Quadro do Serviço Especial.

Para se poder analisar o sistema utilizado na Armada para a formação de um oficial do Serviço Especial, vamos apreciar, em primeiro lugar, quais os objectivos que se pretenderam alcançar com a criação desta classe e quem nela pode ingressar, fazendo seguidamente um exame pormenorizado das várias situações que um militar da Armada pode ocupar desde o seu ingresso na corporação até à sua promoção a oficial do Serviço Especial.

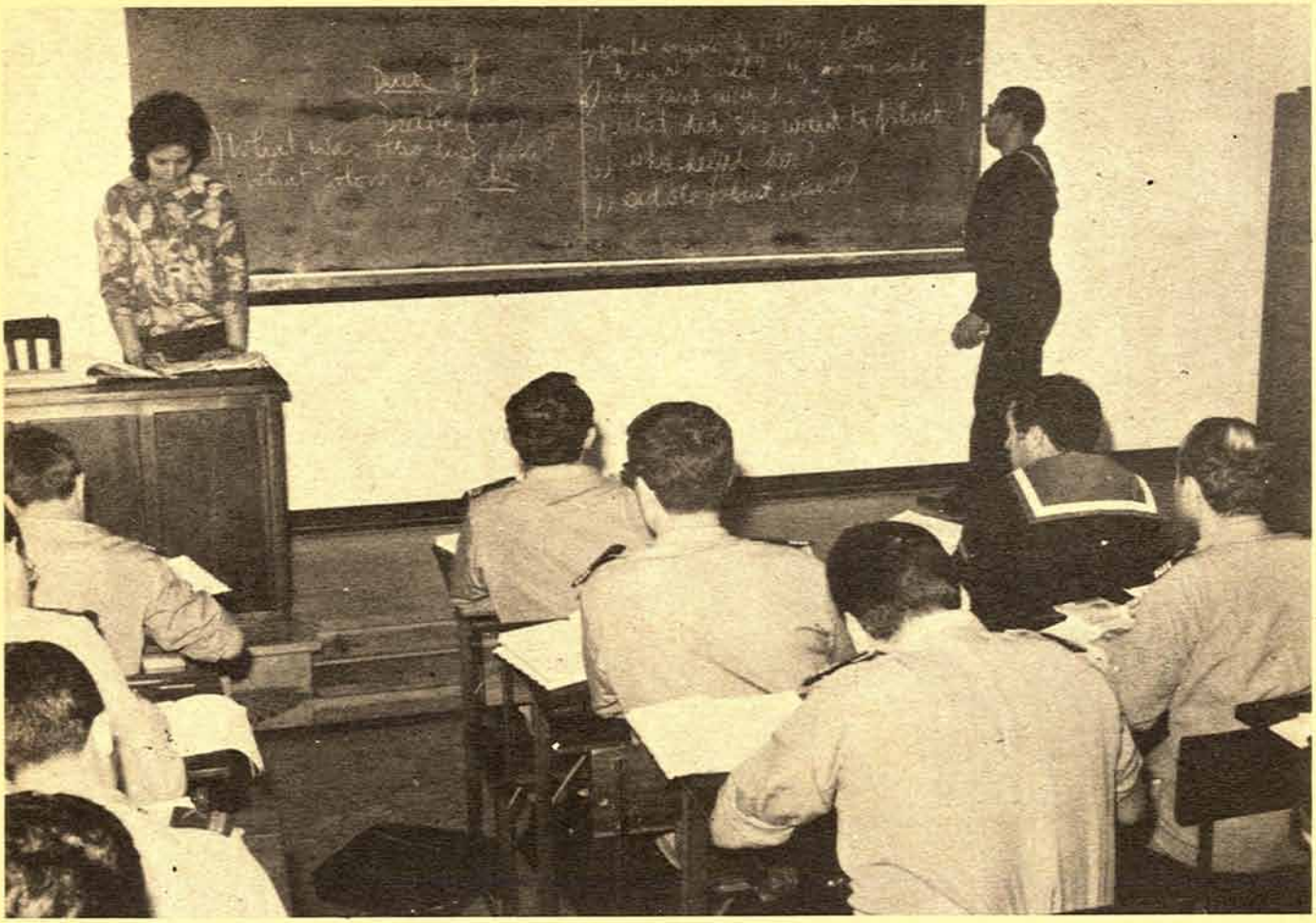
A classe do Serviço Especial foi criada essencialmente com o objectivo de aproveitar os sargentos e praças do activo com muito boas informações e que tenham revelado grande capacidade técnica, tendo em vista a sua promoção a oficial e o desempenho das respectivas funções em substituição dos oficiais provenientes da Escola Naval em alguns lugares das lotações das unidades e serviços da Armada, nomeadamente como chefes dos serviços técnicos; nesta classe, é igualmente facultado o ingresso aos oficiais das Reservas Naval e Marítima que, após a prestação do serviço militar obrigatório, pretendam ficar na Armada.

Definidos os objectivos da classe do Serviço Especial, acompanhemos agora as diferentes fases evolutivas da vida de um indivíduo desde o momento em que, por natural inclinação ou por solicitação de qualquer natureza, marcado em seu espírito o interesse pela vida do mar, se apresenta voluntàriamente a prestar serviço na Armada, e assistamos à profunda transformação que, sob todos os aspectos, vai ser imprimida a um jovem de 17 anos e com a 4.ª classe do Ensino Primário, até ao seu aparecimento como oficial.

Aula de Procedimento Radiotelefónico do CFOSE

O estágio para admissão ao Curso de Oficiais

Assim, depois de ter efectuado a sua recruta e de ter recebido os primeiros ensinamentos técnicos, passará o grumete à frequência nas escolas de aplicação, do curso do 1.º grau, e, realizado o respectivo tirocínio de embarque para marinheiro, logrará promoção a este posto, o que acontecerá em média cerca de dois anos e meio após o seu ingresso. Passará então a desempenhar funções embarcado ou nos organismos em terra e, no período mínimo de cinco anos (ou seja, com 23 anos, podendo fazê-lo até aos 34), terá oportunidade de se habilitar com o ciclo preparatório. Para este efeito, o Comando da Base Naval de Lisboa organiza cursos que funcionam fora das horas normais do serviço, orientados por professores contratados, que se destinam a elevar o nível cultural das praças, valorizando-as com o ensinamento das matérias que constituem aquele ciclo. Aqueles cursos são frequentados em regime de voluntariado e destinam-se tanto a praças que queiram continuar a fazer a sua vida de Marinha, como àqueles que a pretendam deixar. De posse das habilitações que constituem o ciclo preparatório do Ensino Secundário, ou equivalente, podem as praças propor-se à frequência de um estágio



Aula do externato dos alunos do PRECFOSE

preparatório para admissão ao Curso de Formação de Oficiais do Serviço Especial. É conhecido este estágio preparatório por PRECFOSE e a ele são admitidas, mediante selecção, as praças que o desejem e que possuam os requisitos profissionais e as qualidades militares necessárias. Tem a duração máxima de dois anos lectivos, funcionando em estabelecimento de ensino particular para o efeito contratado pelo Ministério da Marinha, ficando os alunos sujeitos ao regime escolar estabelecido para todo o ensino pelo Ministério da Educação Nacional. Teremos deste modo a praça cuja evolução vimos seguindo a receber, depois de se ter habilitado com o ciclo preparatório, conhecimentos de nível igual ao exigido para ingresso nos institutos industriais e comerciais e que lhe permitirão vir a frequentar o CFOSE. Complementarmente a esta fase de cultura geral, verifica-se, durante o período das férias escolares entre dois anos lectivos, uma fase de preparação de natureza técnica, que é efectuada em unidades da Armada e com vista a facultar aos alunos os elementos específicos necessários à sua admissão ao CFOSE.

Com 24 anos feitos, podendo ainda com menos de 36 apresentar-se a concurso, se o jovem que vimos seguindo reunir as condições físicas e psicotécnicas adequadas ao desempenho das funções de oficial e se forem muito boas as suas informações, fará prova dos seus conhecimentos de natureza técnica e de cultura geral, Os primeiros referem-se aos assuntos do ramo do serviço especial a que o candidato concorre, enquanto os últimos inciuem exames escritos e orais de Português, Matemática, Física e Química, Geografia, História, Ciências Naturais, Francês e Inglês e Desenho.

57 semanas: duração do Concurso de Oficiais

Os CFOSE têm uma duração de 57 semanas úteis, divididas por dois ciclos que decorrem, o primeiro nos Grupos N.ºs. 1 e 2 de Escolas da Armada, o segundo na escola correspondente ao ramo do serviço a que os alunos pertencem. Deste modo, o primeiro ciclo é dado em conjunto a todos os alunos, constituindo a preparação geral, com os conhecimentos de cultura naval necessários às funções dos oficiais subalternos a bordo, entre as quais se destacam as de oficial de dia e oficial de quarto; o segundo ciclo constitui a aprendizagem dos conhecimentos técnico-navais para a execução das funções específicas de cada ramo do serviço especial, nomeadamente como chefe do serviço técnico ou adjunto.

A arte de navegar exige formação cuidada.

Durante a frequência do CFOSE, os alunos mantêm o seu posto e classe com a designação complementar de «cadetes», pelo que, no caso que vimos acompanhando e supondo que no período de tempo decorrido se verificaram vagas que permitissem a promoção ao posto imediato, teríamos a praça em questão com a designação de cabo-cadete a terminar a frequência do 2.º ciclo do CFOSE e a iniciar um estágio de embarque conjunto, com a duração de seis semanas e com o fim de proporcionar a adaptação dos alunos às suas novas funções, ao mesmo tempo que proporciona uma revisão prática das matérias leccionadas durante o curso.

Deste modo, e admitindo que o nosso cabo-cadete frequentou com aproveitamento o seu curso, ei-lo promovido a subtenente do Serviço Especial, ingressando no respectivo quadro com a antiguidade que lhe for atribuída pelas classificações obtidas.

Finalmente, em cerimónia que habitualmente decorre no Grupo N.º 2 de Escolas da Armada, sob a presidência do Almirante Superintendente dos Serviços do Pessoal, é feita a entrega das espadas aos oficiais recém-promovidos.

A partir dessa altura, fazendo parte da guarnição de um navio ou preenchendo lugares das lotações das unidades e serviços em terra, os novos oficiais de quem acompanhámos um caso-exemplo e cuja formatura se poderia ter verificado com 25 ou 26 anos, isto é, cerca de dez anos após o seu ingresso na Armada, irão desempenhar as suas funções, agrupados num quadro que lhes faculta o acesso a capitão-de-fragata, integrados no nível social em que as suas habilitações e cultura permitem que se sintam à vontade.

(Trancrição do jornal «A Capital»)

SOLUÇÕES

PROBLEMA N.º 1

RESPOSTA: O indivíduo foi andando lentamente à volta da árvore e sempre fora do alcance do cão. Este seguia-o furiosamente, enrolando a corrente à volta do tronco da árvore, até que ficou tão curta que já não lhe permitia alcançar o automóvel.

PROBLEMA N.º 2

RESPOSTA: Três. De cada três meias que tirar da mochila, duas têm de ser da mesma cor.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1 — Vate; peca. 2 — Era; cal; mor. 3 — Si; pagas; ri. 4 — Caladas. 5 — Época; orada. 6 — Aló; are. 7 — Brota; adail. 8 — Servias. 9 — És; saias; BB. 10 — Vil; rás; pôr. 11 — Eros; rima.

Verticais: 1 — Veste; breve. 2 — Ari; par; sir. 3 — Tá; colos; ló. 4 — Pacotes. 5 — Cala; arar. 6 — Vaga; vias. 7 — Lado; aias. 8 — Saradas. 9 — Em; saras; pi. 10 — Cor; dei; bom. 11 — Árida; libra.

CONCURSO N.º 1

O Chefe da Patrulha aponta um dos caminhos e pergunta:
— SE EU TE PERGUNTAR SE ESTE CAMINHO VAI DAR À ALDEIA, TU RESPONDERÁS QUE SIM?

Se o africano responder SIM e for o mentiroso é porque responderia NÃO à pergunta formulada directamente. Mas respondendo NÃO à pergunta formulada directamente, é porque seria aquele o caminho para a aldeia.

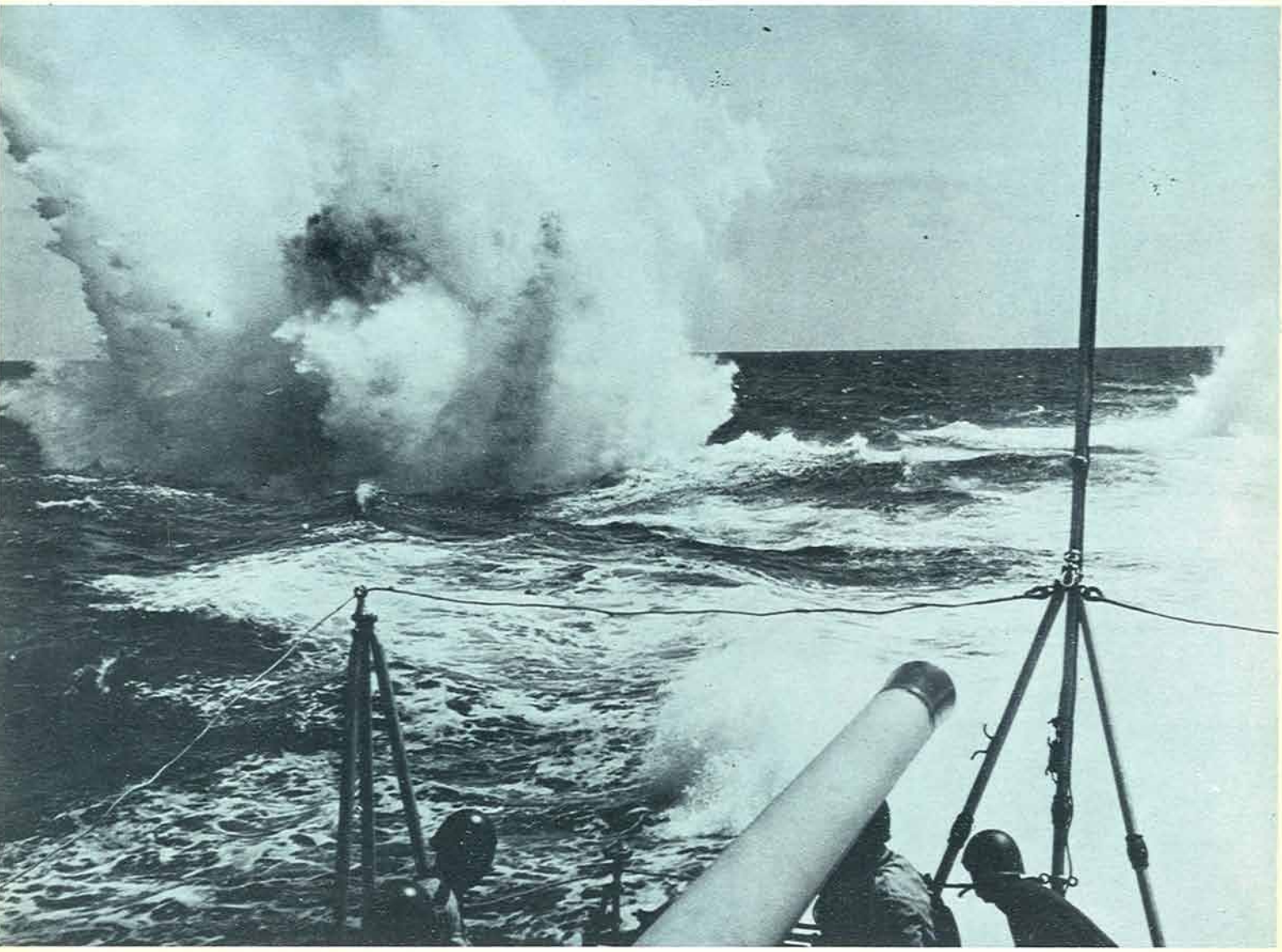
Se o africano responde NÃO e for mentiroso, é porque responderia SIM à pergunta formulada directamente e portanto o caminho não seria aquele.

Se o africano for amigo, portanto sempre verdadeiro, a resposta de SIM ou de NÃO será em si, evidentemente, a certa.

Portanto com aquela forma de fazer a pergunta a resposta será sempre a correcta.

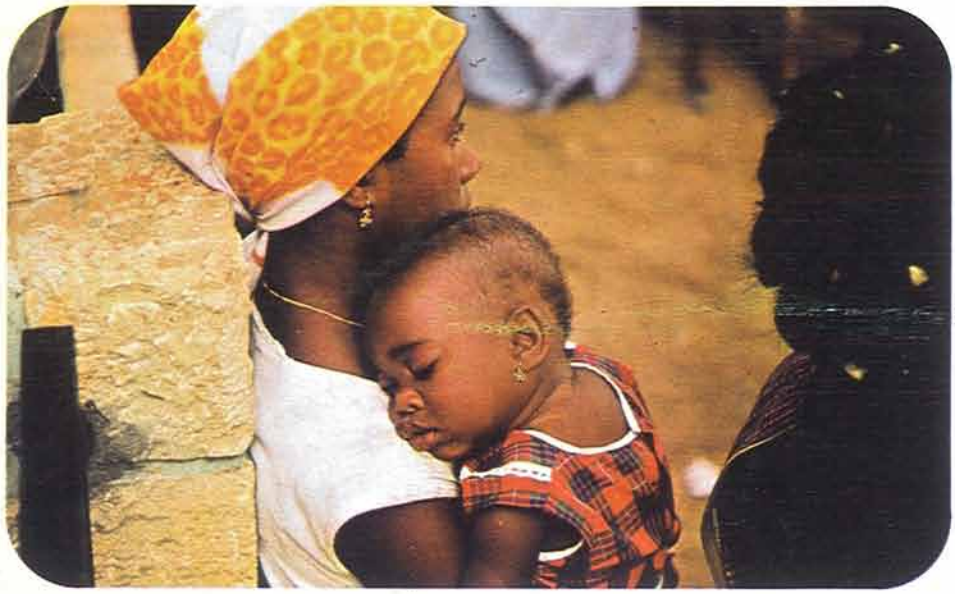
Vencedor: 8041/71/2.º gr. E — RM — Fernando Fonseca Bastos — Central Receptora de Algés. É-lhe atribuído como prémio um cheque-disco.

exercício de luta anti-submarina



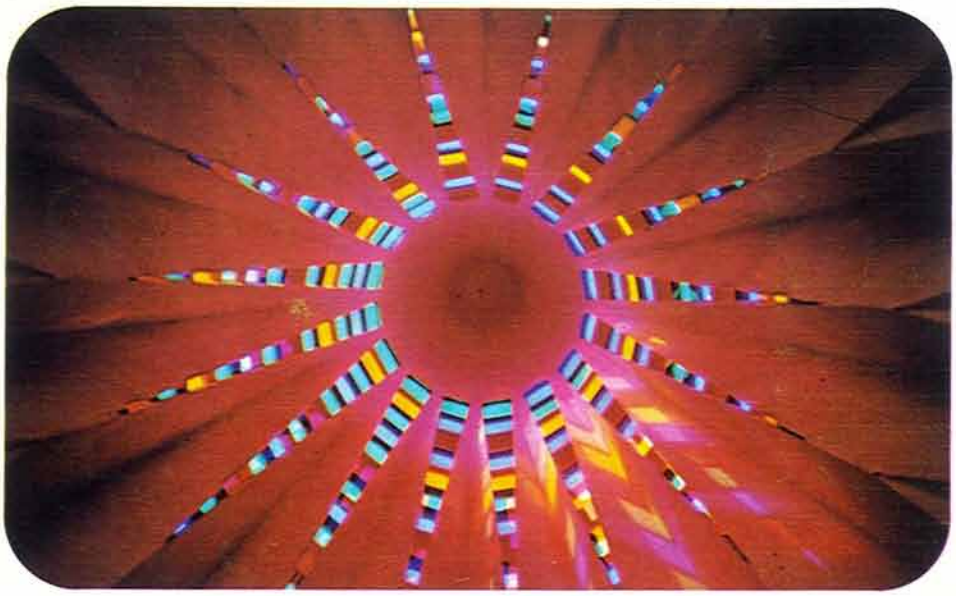
METRÓPOLE

Berlengas – Fortaleza



ANGOLA

Mãe e filha



MOÇAMBIQUE

Cúpula da igreja de S.to António da Polama (L. Marques)